



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**  
**CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS**  
**LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ANA GEÓRGIA BEZERRA**

**POLÍTICA E RELAÇÕES DE PODER: PRÁTICAS SOCIAIS DURANTE AS  
ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE ALAGOINHA DO PIAUÍ – PI, EM 2008-2011**

**PICOS – PIAUÍ**

**2021**

ANA GEÓRGIA BEZERRA

**POLÍTICA E RELAÇÕES DE PODER: PRÁTICAS SOCIAIS DURANTE AS  
ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE ALAGOINHA DO PIAUÍ – PI, EM 2008-2011**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal do Piauí/ Campus Senador Helvídio Nunes de Barros.

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos.

PICOS – PIAUÍ

2021

**FICHA CATALOGRÁFICA**  
**Universidade Federal do Piauí**  
**Campus Senador Helvídio Nunes de Barros**  
**Biblioteca Setorial José Albano de Macêdo Serviço de**  
**Processamento Técnico**

**B574p** Bezerra, Ana Geórgia

Política e relações de poder: práticas sociais durante as eleições municipais de alagoinha do Piauí – PI, em 2008-2011 / Ana Geórgia Bezerra – 2021.

Texto digitado

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-  
CSHNB

Aberto a pesquisadores, com as restrições da biblioteca

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Licenciatura Plena em História, Picos-PI, 2021.

“Orientador: Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos”

1. Política. 2. Relações de poder. 3. Eleições municipais. 4. Voto-Alagoinha do Piauí. I. Santos, Raimundo Nonato Lima dos. II. Título

CDD 306.2



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros  
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em História  
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 – Picos-Piauí Fone: (89)  
3422 2032 e-mail: [coordenacao.historia@ufpi.br](mailto:coordenacao.historia@ufpi.br)

### ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Aos oito (08) dias do mês de julho de 2021, no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, por meio da plataforma digital Google Meet, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Ana Geórgia Bezerra** sob o título, **Política e relações de poder: práticas sociais durante as eleições municipais de Alagoinha do Piauí – PI, em 2008 e 2011.**

#### A banca constituída pelos professores:

Orientador: Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos  
Examinador (a) 1: Prof. Dr. Francisco Gleison da Costa Monteiro  
Examinador (a) 2: Prof. Ms. Jackson Dantas de Macêdo

Deliberou pela **APROVAÇÃO** do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de **10,0**.

Picos (PI), 08 de julho de 2021.

Orientador (a):

*Raimundo Nonato Lima dos Santos*

Examinador (a) 1:

*Francisco Gleison da Costa Monteiro*

Examinador (a) 2:

*Jackson Dantas de Macêdo*

## AGRADECIMENTOS

Em certos momentos da nossa vida, nos deparamos com a dificuldade em agradecer. Escolhemos atribuir o mérito de nossas conquistas a nós mesmos, por termos enfrentado tantos percalços e nos sentirmos tão sozinhas, ao longo desse percurso. Mas esses pensamentos logo dão lugar a gratidão, isso porque não conseguiríamos nenhum feito sem a participação de outrem. Com isso, agradeço imensamente a minha mãe Dona Neuza, e meu pai Miguel, por terem me dado a vida e cuidado tão bem de mim ao longo desses anos. O amor deles sempre me deram o combustível que precisava para seguir em frente.

Agradeço principalmente a minha irmã Geovana, que sempre esteve apta para me ouvir e que desperta em mim um sentimento de afago e proteção. A meu maninho por ser exatamente do jeitinho que ele é, e por sempre comprar lanches para mim, nas oportunidades de descanso que tive, em sua residência. Aos meus sobrinhos, Yan Lucas e Gustavo Henrique, que mesmo sem perceberem iluminam os meus dias, com a luz que só crianças são capazes de transmitir e ao meu cunhado pela disponibilidade.

Não é fácil ultrapassar as barreiras da insegurança e falta de confiança em si mesmo, as cobranças sempre foram muito duras, ao ponto de me deixar devastada. Mas, em ocasiões de crise, quando não acreditava ser capaz de realizar nenhuma tarefa acadêmica, pude contar com a intervenção do meu querido orientador, Prof. Dr. Raimundo Nonato Lima dos Santos, que com sua maneira única de se expressar, sempre me incentivou a acreditar mais em mim e a valorizar aquilo que faço, agradeço por cada palavra.

Foram mais de quatro anos convivendo diariamente com pessoas, que se tornaram parte da família. Como costumamos proferir, “a gente se escolheu”. Obrigada Taís, Arthuane e Wandisléia por suportarem meus estresses e minhas falácias, vocês foram de suma importância para minha trajetória. Em particular a Wandisléia que sempre teve mais paciência para me ouvir e compreender minhas frustrações. Agradeço ainda, as minhas amigas, Maria e Raquel Rosa, que foram meu suporte, no decorrer do curso, eram elas que recarregavam minhas energias.

Estar longe do nosso lar é bastante doloroso, o que tornaram os meus dias mais suportável foram as minhas companheiras, Taís e Edwirges, que não somente dividiram comigo uma residência, como a vida. Agradeço também a minha querida prima Lucilândia por transmitir o aconchego da família, com sua presença. E a meu grande amigo Clecionarton, por me agraciar com sua culinária, nos fins de semana, e por estar juntinho de mim nos momentos mais sublimes, além de me proporcionar momentos de descontração, regados a muita diversão.

Não poderia deixar de agradecer a meu amigo Jhonatha que me ofereceu todo o seu carinho, em um momento bem difícil da minha vida acadêmica, quando iniciei essa pesquisa. Estava me sentindo muito sozinha, decidida a desistir e a sua companhia me fortaleceu. Foram tardes de conversas e carinho que me energizaram e me fizeram buscar forças no fundo do meu ser, para concluir o TCC I. Agradeço ainda, a meu amigo Athirson Arrais, que tem uma capacidade incrível de entender meus medos, e de me ouvir sem julgamentos. Grata, por todas as conversas, as madrugadas que você perdeu, para ouvir meus desabafos.

Concluo agradecendo a todos aqueles que de alguma forma foram necessários para minha caminhada, seja no ambiente universitário, no decorrer da pesquisa, ou na vida pessoal. Enfatizando a importância dos entrevistados para o trabalho, porque sem eles não teria como ter prosseguido o estudo, e não estaria realizando esses agradecimentos. Em especial, ao meu companheiro, pela compreensão e o amor que tem me doado. Grata, por você ter sido, nesses últimos meses, o meu porto seguro.

## RESUMO

O trabalho analisa práticas sociais e relações de poder estabelecidas no decorrer das eleições municipais de 2008 e 2011, na cidade piauiense de Alagoinha do Piauí. A problemática de estudo visou perceber como o eleitorado enxerga o voto e as eleições, quais as motivações que os levam a seguir determinados candidatos e lideranças políticas, e como são constituídas tais relações. Fundamenta-se em fontes orais, imagéticas e hemerográficas. O aporte teórico é baseado nos estudos de Hannah Arendt (2002 e 2016), Serge Berstein (1998), Pierre Bourdieu (1989), Michael Pollak (1992), René Rémond (2003) e Carla Bassanezi Pinsky (2008). A pesquisa apontou a participação da população em eventos de campanha, as modificações causadas no espaço urbano e rural, a dinâmica na compra de votos, troca de favores e concessão de cargos a aliados e as estratégias utilizadas pelos candidatos para chegar ao poder.

**Palavras chaves:** Política. Relações de poder. Eleições municipais. Voto. Alagoinha do Piauí.

## **ABSTRACT**

The work analyzes social practices and power relations established during the 2008 and 2011 municipal elections in the Piauí city of Alagoinha do Piauí. The study issue sought to understand how the electorate sees the vote and elections, the motivations that lead them to follow determined candidates and political leaders, and how such relationships are constituted. It is based on oral, imagery, and hemerographic sources. The theoretical contribution is based on studies by Hannah Arendt (2002 and 2016), Serge Berstein (1998), Pierre Bourdieu (1989), Michael Pollak (1992), René Rémond (2003) and Carla Bassanezi Pinsky (2008). The survey pointed out the participation of the population in campaign events, the changes caused in urban and rural areas, the dynamics in the purchase of votes, exchange of favors, and granting of positions to allies, and the strategies used by candidates to reach power.

**Keywords:** Politics. Power relations. Municipal elections. Vote. Alagoinha do Piauí



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2. O POVO ERGUE A BANDEIRA: CAMPANHA ELEITORAL E AS MODIFICAÇÕES DO ESPAÇO URBANO E RURAL.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1 “Não sei se são os discursos ou a diversão, mas frequentar os comícios é parte da tradição”.....</b>	<b>18</b>
<b>2.2 Mesmos espaços, novas funções: modificações no espaço urbano e rural.....</b>	<b>33</b>
<b>3. “VOTAR DE GRAÇA PARA QUE, SE O CANDIDATO QUE VENCER A ELEIÇÃO NÃO FARÁ NADA PELO MUNICÍPIO?”: COMPRA DE VOTOS, TROCA DE FAVORES E CONCESSÃO DE CARGOS A ALIADOS, NAS ELEIÇÕES DE 2008... </b>	<b>43</b>
<b>3.1 “Para que votos sejam comprados, alguém precisa vendê-los”: compra de votos na eleição de 2008.....</b>	<b>44</b>
<b>3.2 “Voto no candidato, que chegar quando eu precisar”: troca de favores e concessão de cargos a aliados .....</b>	<b>53</b>
<b>4. “QUEM GANHA NEM SEMPRE É O VENCEDOR”: RELAÇÕES DE PODER E O EMPREGO DA VIOLÊNCIA.....</b>	<b>59</b>
<b>4.1 “Relações de poder”: estratégias utilizadas pelos candidatos para chegar ao poder e nele se manter. ....</b>	<b>62</b>
<b>4.2 A violência e suas faces.....</b>	<b>70</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>73</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho analisa como a população da cidade piauiense de Alagoinha do Piauí, se posiciona diante das questões políticas locais, percebendo as modificações sociais e urbanas durante o período eleitoral, com o objetivo de compreender as relações de poder estabelecidas no município. Para tal, averiguamos as eleições municipais da referida cidade nos anos de 2008 e 2011 a partir de fotos, fonte oral, sites e documentos.

O foco principal não é estudar as relações partidárias, mas entender como o eleitorado se relaciona com os políticos e líderes políticos do município, através de práticas sociais e políticas exercidas, acerca do processo eleitoral. Nesse contexto foram apontados alguns líderes políticos do município, ativos no recorte temporal em estudo, algumas das suas ações e relações, práticas sociais cometidas pela população em eventos de campanha eleitoral, barganha de voto e algumas modificações ocorridas na dinâmica do espaço urbano e rural, nesse período. Ainda foi possível observar como essas pessoas enxergam o voto e as eleições municipais e, de que forma essas questões implicam, em suas vidas cotidianas e nas relações sociais, tendo em vista também mudanças econômicas devido o advento das eleições municipais.

A importância deste estudo, está pautada, na necessidade de perceber como o eleitorado de municípios de pequeno porte do Nordeste, se portam diante das relações de poder existentes entre eles e com líderes políticos locais, sendo estudado as camadas populares. Não se pretende fazer uma análise de estruturas políticas partidárias, mas das práticas de eleitores/população.

A relevância desta pesquisa é plausível no que tende a analisar as relações de poder local, engendrado nas especificidades das práticas sociais atribuídas a participação política da população de Alagoinha do Piauí - PI, referente ao processo eleitoral do município, nas eleições municipais de 2008 e 2011, seus efeitos, na vida cotidiana deles.

O interesse por essa abordagem é pautado na percepção de que a relação dos habitantes com as eleições municipais entrelaça o público e o privado, por perceber que a população do município nutre um grande apressamento por líderes políticos, ao ponto de glorificá-los, e defendê-los, mesmo não sendo visível que esses políticos realizem feitos públicos benéficos a coletividade, já que gestão após gestão o município permanece sem desenvolvimento expressivo. Sendo o estudo do processo eleitoral algo indispensável para compreender esses aspectos.

O município de Alagoinha do Piauí, no ano de 2020, apresentou uma população estimada, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>1</sup> de 7.665 pessoas, com eleitorado de 5.828, segundo dados do Tribunal Regional Eleitoral-PI (TRE)<sup>2</sup>, 6.160 aptos a votar em 2008 e 6.117 em 2011. Na área da educação, possuía em 2017, última atualização do IBGE, um Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), nos anos iniciais do ensino fundamental, de 4,4 e aos anos finais do ensino médio de 4,1, com uma taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade [2010] 93,6 %. Do total de pessoas do município, segundo censo de 2010, 6.806 se consideram da religião católica apostólica romana e, 294 evangélicas.

Tendo em vista o que foi exposto, ver-se que o município de Alagoinha do Piauí é de pequeno porte. Tendo sido fundada em 9 de abril de 1986, é uma cidade bem jovem, ao ponto dos moradores se conhecerem e estabelecerem relações entre si. Portanto, quando se trata de eleger lideranças que os representem, no Executivo municipal, os habitantes acabam se envolvendo de forma participativa. Desde a fundação existem dois grupos políticos que disputam as eleições, o do primeiro prefeito eleito, Salomão Caetano de Carvalho e o que faz oposição. Geralmente a cada nova eleição municipal só mudam os candidatos, e em algumas, suas filiações partidárias, mas a representatividade do grupo permanece.

Nas eleições dos anos de 2008 e 2011, em estudo, estavam em disputa para o cargo maior do Executivo municipal, já que não pretendemos trabalhar com o Legislativo, os seguintes candidatos e seus respectivos partidos, em 2008 os candidatos a prefeito Pedro Otacílio de Sousa Moura (PSD), e a vice-prefeito José Adilson Nunes (PP), coligação PP/PSD. Pelo outro grupo, Clodoaldo de Moura Rocha (PT), de vice-prefeito Francisco João de Carvalho (PMDB), coligação PT/PMDB. A coligação que saiu vitoriosa foi a PT/PMDB. Devido a denúncias de compra de votos, a chapa eleita que tinha Clodoaldo Rocha como prefeito, foi cassada, com esse contratempo foi realizada uma eleição suplementar, no ano de 2011, em que os candidatos que se propuseram a se candidatar foram Pedro Otacílio de Sousa Moura (PSB), novamente, mas dessa vez com a vice Maria de Lourdes Silva (PTB), sendo eleitos. E pelo lado oposto, concorrendo ao cargo de prefeito, Jorismar José da Rocha (PT), Nicácio Francisco de Brito (não foi possível identificar o partido que ele representava naquele ano), de vice.

É notável a existência de trabalhos relacionados a política e o poder suplantado a governantes, em sua maioria na perspectiva macro. Porém, quando se trata de trabalhar relações

---

<sup>1</sup> INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/alagoinha-do-piaui/panorama>. Acesso em: 24 de jun. 2021.

<sup>2</sup> BRASÍLIA. TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. *Eleitorado atual*. Disponível em: <https://www.tre-pi.jus.br/eleitor/estatisticas/eleitorado-por-municipio>. Acesso em: 24 de jun. 2021.

políticas de forma micro, em pequenos municípios do Nordeste, mais especificamente do Estado do Piauí é perceptível uma carência de estudos. Mesmo já tendo sido “superada” a ideia de trabalhar história política, por um viés tradicional, dando ênfase somente aos grandes líderes, com o surgimento de uma nova história política, em que os estudos passam “da história dos tronos e das dominações para a dos povos e das sociedades”<sup>3</sup>, como mencionado por René Rémond, dando muito mais importância aos acontecimentos coletivos e as relações estabelecidas, passando a considerar

as estruturas duráveis mais reais e determinantes que os acidentes de conjuntura. Seus pressupostos eram que os comportamentos coletivos tinham mais importância para o curso da história que as iniciativas individuais, que os fenômenos registrados numa longa duração eram mais significativos e mais decisivos que os movimentos de fraca amplitude, e que as realidades do trabalho, da produção, das trocas, o estado das técnicas, as mudanças da tecnologia e as relações sociais daí resultantes tinham mais consequências (sic), e portanto deviam reter maior atenção dos observadores, que os regimes políticos ou as mudanças na identidade dos detentores de um poder cujas decisões, segundo se entendia, só faziam traduzir o estado da relação das forças sociais, ou refletir realidades anteriores às escolhas políticas<sup>4</sup>.

Ainda são poucas as pesquisas na área da política, que possibilitem o entendimento de como são estabelecidas as relações que permeiam a organização de pequenos municípios. Tendo em vista o surgimento de novos atores que por muito tempo foram esquecidos da história e agora emergem como sujeitos que alimentam uma nova maneira de abordar e vislumbrar as relações políticas, se faz necessário estudar as relações envolta das eleições. Como afirma René Rémond os partidos políticos possuem em sua essência uma relação com o *político*, tanto que já se tornaram um complemento. Isso já não ocorre de forma espontânea com as eleições, pois

(...) o fenômeno eleitoral, ainda que ele se identifique com a política, pois a operação que consiste em organizar a transmissão do poder ou a designação de representantes por um método eletivo tem outras aplicações além das políticas<sup>5</sup>.

O exposto acima, significa que, para Rémond, o *político* transcende a política, constitui um campo líquido que não possui fronteiras naturais, ultrapassa a prática de poder, estendendo às coletividades, se fazendo presente em todos os lugares, setores e atividades, podendo assim ser modificada ao longo da história. Já que na definição mais clássica a política está ligada ao Estado, com fronteiras delimitadas que compreendem suas ações sob os indivíduos. E o *político* apesar de ter afinidade com o Estado, estende as relações sociais se comunicando com vários

---

<sup>3</sup> RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 18

<sup>4</sup>Ibidem, p. 16

<sup>5</sup> Idem. Do Político. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 441.

outros setores, em que todas as ações do sujeito seriam resultado da sua essência enquanto ser político.

Nesse contexto, passa-se a estudar as relações políticas e suas pluralidades. O fazer política não se estabelece somente na perspectiva de ter sujeitos que oprimem e aqueles que ao serem oprimidos se curvam diante desse poder, sendo assim condicionados a tais relações interpessoais, se submetendo enquanto agentes políticos. Percebe-se através dos escritos de Hannah Arendt em *O que é política?* a política como sendo a convivência entre diferentes, que se organizam com objetivos em comum. Portanto, “A política organiza, de antemão, as diversidades absolutas de acordo com uma igualdade relativa e em contrapartida às diferenças relativas”<sup>6</sup>.

A partir do momento em que é feito um estudo com esses sujeitos, é dada visibilidade a um processo naturalizado, que aparentemente, no senso comum, não possui nenhum significado. Mas no campo cultural, social e científico diz muito sobre a construção histórica acerca de uma determinada população. Além disso, ao observar as relações de poder através da perspectiva daqueles que se encaixam na vertente de “dominados”, são lançados novos olhares para modelos hierárquicos que possam vir sendo propagados.

Com isso, além de acrescentar para o ambiente acadêmico, no sentido de estudar política por outro prisma, expandindo a história tida como local ou regional, para uma esfera nacional, ainda contribui para a perceber a construção de mentalidades que refletem em ações individuais ou conjuntas.

Ao analisar os possíveis significados dados pela população à participação nos processos políticos, que mesmo sem perceberem são agentes da sua própria história, da história da sua cidade e do país, através dos atos políticos que realizam em cada ação do cotidiano. Surge um trabalho com importância significativa para a sociedade e ambiente acadêmico, preenchendo lacunas, suplantando o senso comum e dando um novo passo rumo a superação do tradicionalismo na história política.

Tendo em vista que abordamos concepções sobre poder local é interessante ponderar, suas ressignificações ao longo dos anos. O autor João Bosco Araújo da Costa, no trabalho *A Ressignificação do Local o imaginário político brasileiro pós-80*, aborda como o imaginário, acerca das relações entre líderes locais e a população se ressignificou, tendo em vista, as mudanças nas esferas políticas. Anterior aos anos 1980, as pesquisas, principalmente se tratando do Nordeste, sobre esse tema, partia sempre de uma conotação negativa, ligada ao

---

<sup>6</sup> ARENDT, Hannah. *O que é política?* Organização Ursula Ludz Prefácio Kurt. Tradução Reinaldo Guarany. 3ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.09.

coronelismo e ao clientelismo. Essas produções acadêmicas, reafirmaram os estereótipos e, mesmo em alguns casos, como ressalta Costa, ao tentar desconstruir essa visão, explica que estudiosos como Nunes Leal:

(...) ao apontar para uma análise não simplificadora do papel dos chefes políticos locais, reafirma, no entanto, a imagem do local como negatividade, uma vez que não o reconhece como palco onde atuam forças e interesses conflitivos, sendo este pensado como entrave ao desenvolvimento político e econômico<sup>7</sup>.

Já a partir dos anos de 1980, passam a enxergar essas relações, de forma positiva, o autor explana que isso se dá devido às mudanças do regime autoritário para o processo democrático. Mas é importante salientar que os novos atores políticos, que ganham espaço nos municípios, promovem disputas que registram um poder democrático mais equivalente. Mesmo se tratando, de uma análise do Rio Grande do Norte é relevante para pensar os aspectos políticos, referentes ao Piauí.

Perante as motivações que levaram a escolha deste tema, a possível relevância do mesmo, em consonância com o introdutório da visão acerca do poder local na história, se faz necessário salientar como foi construída a pesquisa, que aqui está sendo apresentada. Partimos das seguintes questões norteadoras. O que aconteceu durante as eleições municipais de Alagoinha do Piauí? Há mudanças na vida social e econômica durante o período eleitoral? A dinâmica urbana da cidade sofre modificações durante o período eleitoral? Quais as práticas dos eleitores durante as eleições? Quais são as lideranças políticas do município? Como elas agem durante o período eleitoral? Como se deu a cassação do mandato do prefeito eleito nas eleições de 2008? A cassação influenciou no resultado das eleições de 2011?

Na tentativa de responder a esses questionamentos, foram analisadas algumas fotos de eventos de campanha, das eleições de 2008, disponível no arquivo pessoal do jornalista Jonas Agenor Rocha e uma imagem de um comício realizado na campanha da eleição suplementar de 2011, disponível no portal Riachaonet, duas reportagens jornalísticas do portal citado anteriormente, documento de cassação do mandato do prefeito eleito em 2008, Clodoaldo de Moura Rocha, documentos referente ao resultado das eleições de 2008 e o quadro de comparecimento do eleitorado, disponível no site do Tribunal Regional Eleitoral-PI e depoimentos orais, no modelo entrevista temática, “As entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido”<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> COSTA, João Bosco Araújo da. A Ressignificação do Local o imaginário político brasileiro pós-80. *São Paulo Em Perspectiva*. São Paulo: SEADE, jul./set., 1996, p. 114.

<sup>8</sup> ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 175.

De antemão, cabe registrar que os nomes dos entrevistados, apresentados ao longo deste trabalho são fictícios, eles optaram por não revelar seus verdadeiros nomes, tendo em vista as questões delicadas que viriam a revelar em suas entrevistas. Entrevistamos cinco pessoas, quatro homens e uma mulher, dessas cinco, apenas “José” não era eleitor, nas referidas eleições. Iremos identificá-los como, “Joaquim” (tinha 67 anos em 2019), “Raimundo” (55 anos em 2019), “Antônio” (42 anos em 2021), “Luiza” (46 anos em 2021), “José” (22 anos em 2021), todos moradores da Zona Rural.

Com isso optamos por distribuir este trabalho em três capítulos. O primeiro, intitulado de *O povo ergue a bandeira: campanha eleitoral e as modificações do espaço urbano e rural*, analisa práticas sociais, em frequentar eventos de campanha, como, passeatas, comícios, carreatas, buscando entender as motivações que levam a participação de parte dos habitantes do município, nesses eventos. Percebendo as modificações que ocorrem nos espaços urbanos e rurais, as alianças estabelecidas e os conflitos gerados, em decorrência das campanhas eleitorais.

O segundo capítulo intitulado de *“Votar de graça para que, se o candidato que vencer a eleição não fará nada pelo município?”: compra de votos, troca de favores e concessão de cargos a aliados, nas eleições de 2008*, trata de possíveis compra de votos, troca de favores e concessão de cargos a aliados, nas eleições de 2008. Em que foi analisado como o eleitorado enxerga o voto e o que influencia na decisão de votar em determinado candidato. Para definir se houve compra de votos, foi levado em consideração a cassação do mandato do candidato eleito em 2008, Clodoaldo de Moura Rocha e os depoimentos dos entrevistados. Observa-se também a dinâmica que compreende a barganha de votos, entre o eleitorado e os políticos, percebendo o que motiva as pessoas a seguir determinado grupo político, entendendo o que está por trás de suas decisões.

O terceiro capítulo cujo título é *“Quem ganha nem sempre é o vencedor”*: *relações de poder e o emprego da violência*, aborda as relações de poder estabelecidas entre os que estão dentro do poder, e os que estão fora, mas com o objetivo de entrar, tendo em vista as relações entre os políticos e o eleitorado. Em que averiguamos possíveis atos de violência relacionados às disputas eleitorais.

Contudo, buscamos compreender no que concerne o período eleitoral de Alagoinha do Piauí, nas eleições de 2008 e 2011, se os alagoinhenses estão mais para “bestializados”, sujeitos que não percebem o que ocorre à sua volta e acabam se submetendo de maneira alienada ao que

lhes é imposto ou “bilontras”, aqueles que, ao perceberem os instrumentos de dominação usados pelos dominadores, utilizam a seu favor, como conceituado por *José Murilo de Carvalho*<sup>9</sup>.

## **2. O POVO ERGUE A BANDEIRA: CAMPANHA ELEITORAL E AS MODIFICAÇÕES DO ESPAÇO URBANO E RURAL**

O processo que antecede o momento das eleições, principalmente a apresentação e propaganda dos candidatos, no qual a população e os políticos realizam encontros, como, comícios, carreatas, passeatas. Estreitam relações, criam alianças. E o eleitorado entre si e com os políticos se envolvem em conflitos, devido ao contato direto. Apresenta elementos indispensáveis para esta proposta de estudo.

Neste primeiro capítulo, pretendemos analisar no que compreende o entorno das campanhas eleitorais, das eleições municipais de 2008 e 2011 no município de Alagoinha do Piauí. Com o propósito de averiguar práticas, ligadas a política, inseridas no fenômeno móvel da cultura política, isso porque “é vidente que no interior de uma nação existe uma pluralidade de culturas políticas, mas com zonas de abrangência que correspondem a área dos valores partilhados”<sup>10</sup>. Para compreender a cultura que se configura no ambiente político do município em estudo, cabe observar as relações de poder que se estabelecem, entre a população e os líderes políticos a partir dos eventos propagandistas eleitorais. Para o estudo da percepção da cultura política, se faz importante analisar práticas políticas e sociais. Rodrigo Patto Sá Motta, afirma que

(...) a reprodução no tempo das culturas políticas demanda a realização de práticas reiterativas, como a repetição de rituais e cerimônias, e a participação em eventos e manifestações que servem para selar o compromisso dos aderentes, confirmando o sentido de pertencimento ao grupo<sup>11</sup>.

Neste sentido, analisaremos as práticas sociais empreendidas durante a campanha, como, frequentar comícios, carreatas e passeatas. Se envolver em conflitos e firmar alianças, permeando previamente a afirmativa de que, no decorrer das eleições a “conquista” de votos não se dá somente pelo desígnio dos grupos políticos na disputa, em criar estratégias para controlar os eleitores. O eleitorado também poderá deter o poder lançando táticas para exercê-lo. Com isso, analisaremos através do que sinaliza Michel de Certeau acerca de táticas e estratégias. Se existe a possibilidade daqueles que pretendem exercer o poder, neste caso os

<sup>9</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Bestializados ou bilontras?* In: *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

<sup>10</sup> BERSTEIN, Serge. *A Cultura Política*. In: *Para uma história cultural*. Direção de Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinele. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 354.

<sup>11</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia*. In.: \_\_\_\_\_ (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 13-38.



políticos partidários, utilizarem de estratégias de “dominação” e, a população ao invés de se submeter a esse poder, acabarem por criar táticas e estratégias que visam solucionar os seus problemas cotidianos. O que acarreta uma constante negociação entre o grupo considerado dominante e o possível dominado, hora beneficiando mais a um do que ao outro.

As estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem. Elas combinam três tipos de lugar e visam dominá-los uns pelos outros. As táticas são procedimentos que valem pela pertinência que dão ao tempo – às circunstâncias que o instante preciso de uma intervenção transforma em situação favorável, à rapidez de movimentos que mudam a organização do espaço, às relações entre momentos sucessivos de um “golpe”, aos cruzamentos possíveis de durações e ritmos heterogêneos etc.<sup>12</sup>.

Essas negociações, geram uma constante atualização dentro da cultura política. Não se pode afirmar que a cultura política, de determinado local, permanece imóvel, durante todo decorrer da vida. A cultura política pode se modificar na medida que os indivíduos se relacionam entre si, e tendo em vista, o encontro com outras culturas, a depender da capacidade que ela possua de resolver as necessidades daquele momento.

A cultura política assim elaborada e difundida, à escala das gerações, não é de forma alguma um fenômeno imóvel. É um corpo vivo que continua a evoluir, que se alimenta, se enriquece com múltiplas contribuições, as das outras culturas políticas quando elas parecem trazer boas respostas aos problemas do momento (...)<sup>13</sup>.

Contudo, a tradição em acompanhar determinados grupos políticos e as maneiras como agem, no decorrer do processo eleitoral, possui resquícios de uma cultura política estabelecida. Ao se tratar de uma cultura política arraigada, que se firmam em repetidas práticas, sem se tratar de algo momentâneo, ainda podendo se modificar, se assim for vantajoso para um grupo ou para outro. É citado a afirmativa da ocorrência de tradição, devido as fontes orais que aqui serão analisadas, apontarem tradições familiares do eleitorado em acompanharem o mesmo lado político, e frequentarem os eventos propagandistas. Vale ressaltar, de antemão, que optamos por trabalhar com História oral porque nos dias de hoje ela é de suma importância “para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade”<sup>14</sup>.

Nesse sentido, serão examinadas as relações estabelecidas, através de práticas da população, como frequentar os eventos partidários, criar conflitos, acompanhar as lideranças

<sup>12</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*: 1. Artes de fazer. 19. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 96.

<sup>13</sup> BERSTEIN, 1998, p. 349-359.

<sup>14</sup> ALBERTÍ. In: PINSKY, 2008, p. 164.

partidárias durante a campanha. Estabelecendo ramificações que ultrapassam as eleições, atingindo as relações sociais. Com isso “O importante é a análise relacional do político. Não interessam os micro poderes em si, mas o estabelecimento das relações entre os mesmos, permitindo identificar e compreender as redes de poder que se tecem no corpo social”<sup>15</sup>.

As eleições municipais de Alagoinha do Piauí de 2008 e de 2011, recorte temporal escolhido para esse estudo, ocorreram respectivamente, tendo em vista os seguintes candidatos, para o pleito Executivo Municipal, seus partidos e coligações. Em 2008 a disputa era entre os candidatos a prefeito Pedro Otacílio de Sousa Moura (PSD), vice-prefeito José Adilson Nunes (PP), coligação PP/PSD. E pela oposição Clodoaldo de Moura Rocha (PT), com vice-prefeito Francisco João de Carvalho (PMDB), coligação PT/PMDB. A coligação eleita foi a PT/PMDB. O mandato de Clodoaldo de Moura Rocha foi cassado por denúncia de compra de votos, ele e o vice perderam os direitos políticos. Por esse motivo foi realizada uma eleição suplementar em 2011, cujo candidatos foram novamente Pedro Otacílio de Sousa Moura (PSB), agora com a vice, Maria de Lourdes Silva (PTB), que vieram a se eleger, e pelo lado oposto Jorismar José da Rocha (PT), concorrendo para prefeito tendo Nicácio Francisco de Brito como vice.

Analizamos imagens de comícios e carreatas realizadas pela coligação do candidato a prefeito do Partido dos Trabalhadores (PT), Clodoaldo de Moura Rocha, em 2008. Já que, no que se refere ao candidato Pedro Otacílio de Sousa Moura, não conseguimos fontes imagéticas de sua campanha, no referido ano. Isso pode se dar pelo fato de ele ter saído derrotado da respectiva eleição. Portanto, iremos analisar uma imagem de um comício da eleição suplementar de 2011, em que Pedro Otacílio veio novamente a se candidatar, em consonância com fontes orais, já que “a História oral permite o registro de testemunhos e o acesso a "histórias dentro da história" e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado”<sup>16</sup>. Feito isso, abordaremos também acerca da dinâmica do espaço urbano e rural, envolto do período eleitoral, dando ênfase nas mudanças ocorridas devido a encontros de grupos políticos e à realização de carreatas, passeatas e comícios.

---

<sup>15</sup> FÉLIX, Loiva Otero. A história Política Hoje: novas abordagens. *Revista Catarinense de História*, Associação Nacional de História (ANPUH-SC), ed. 5, p. 49-66, 1990. Disponível em: [http://www.anpuh-sc.org.br/revfront\\_5.htm](http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_5.htm). Acesso em: 17 nov. 2019, p. 61.

<sup>16</sup> ALBERTÍ. In: PINSKY, 2008, p.155.

## 2.1 “Não sei se são os discursos ou a diversão, mas frequentar os comícios é parte da tradição”.

O sol ainda brilhava com intensidade e lá estava a multidão, bandeiras erguidas e expressão enérgica. Tratava-se de um dos tantos comícios de campanha, realizado no ano de 2008 na cidade de Alagoinha do Piauí. Esses eventos costumam reunir um grande número de pessoas, de diferentes faixas etárias. Que por dentre outros objetivos, iam para simplesmente se divertir, encontrar parentes e amigos das comunidades vizinhas, ou para se aproximar dos políticos, barganhar apoio político, namorar, consumir bebidas alcoólicas, defender o lado político que acompanham.

Nesse momento adentramos as fontes orais para transitar em meio a esses eventos, através das memórias de alguns entrevistados, que costumam frequentar esses ambientes no decorrer das campanhas eleitorais. Tendo em vista que defrontar as memórias de alguns sujeitos, acerca de um mesmo período e acontecimento vivenciado é de grande relevância para a pesquisa histórica. Como ressalta Verena Albertí no livro *Fontes históricas*, organizado por Carla Bassanezi Pinsky, “as disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, em uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender esse mesmo grupo, ou a sociedade como um todo”<sup>17</sup>.

Voltando aos aspectos que rodeiam os eventos políticos, vejamos as motivações apresentadas por alguns dos entrevistados para a construção deste trabalho. Para o entrevistado “Raimundo” as pessoas utilizavam destes eventos para “beber e pular e gritar”<sup>18</sup>. Já o não eleitor “José”, ressalta, que como na época era pré-adolescente, frequentava os comícios com o objetivo de se divertir. “Eu ia para me divertir. Tanto é, que eu nem gostava de ouvir o que era que eles estavam falando. E correr no meio das ruas. Em busca de comida também. Era tão bom as comidas que eles vendiam”<sup>19</sup>. Optamos por entrevistar um eleitor jovem, principalmente para trazer a visão, de alguém que ainda não votava, na época, mas que frequentava os eventos. Essa fala pode revelar, que inclusive crianças participavam da campanha eleitoral. Eles poderiam ir somente para acompanhar os pais, para aproveitar. Mas isso também pode demonstrar uma frequência assídua da população, não somente daqueles que votavam.

Pode se questionar que uma criança de 9 a 10 anos não tenha memorizado acontecimentos daquela época, mas como mencionado por Michael Pollak, no texto *Memória e identidade*, “em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e

---

<sup>17</sup> ALBERTÍ. In: PINSKY, 2008, p. 157.

<sup>18</sup> Raimundo. Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra. Alagoinha do Piauí. 04 nov. 2019.

<sup>19</sup> José. Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra. Alagoinha do Piauí-PI. 02, maio. 2021

individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade”<sup>20</sup>. Sendo que “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa”<sup>21</sup>. Portanto, o entrevistado “José”, possui memórias da eleição de 2008, em Alagoinha do Piauí, tanto no que tende o que ele vivenciou, como o que foi vivenciado pelos seus familiares e pessoas próximas.

É levando em consideração as memórias desses entrevistados que mesmo não sendo possível determinar, a quantidade exata, de pessoas que frequentavam esses eventos, é possibilitado de se ter uma noção, através das fontes orais, imagens e reportagens analisadas, que a população tinha o hábito de se deslocar até esses ambientes promovendo aglomerações, e reunindo uma grande quantidade de pessoas.

Logo na imagem a seguir é visível a presença de várias gerações, no comício de 05 de setembro de 2008, do candidato a prefeito Clodoaldo de Moura Rocha (PT). Foto disponível no arquivo pessoal do jornalista Jonas Agenor da Rocha. Como é possível identificar, do lado esquerdo, próximo ao centro e à frente da imagem, podemos ver dois homens de cabelos grisalhos, podendo se tratar de idosos. Logo a frente enxergamos uma mulher com uma criança em seus braços, ao seu lado está uma moça de aparência jovem, assim como percebemos a presença de vários jovens e adultos distribuídos no registro da imagem (ver figura 1). Isso denota um entendimento de que possivelmente várias faixas etárias, participavam desses eventos. É notório a presença de homens e mulheres, podendo ser observado através desse ângulo a predominância de homens.

É perceptível também que algumas pessoas estão com bandeiras vermelhas, ou com as faces dos candidatos estampadas, erguidas. Alguns utilizam chapéus, com a cor vermelha do partido, outros usam guarda-chuva, provavelmente para se proteger do sol. Vemos o protagonismo da cor vermelha estampando as vestimentas dos presentes, com exceção de alguns que preferiram utilizar outras cores para estampar o figurino. Isso reflete o simbolismo que as cores das siglas em disputa, representam. Tanto que o não eleitor “José”, fala com bastante empolgação da maneira como se vestiam para irem até os eventos políticos, “quando dizia, aí vai ter um poeirão, vai ter um comício, era aquela maior animação. Cada um pegava seu chapeuzinho, botava na cabeça, que tinha os cabeça-vermelha. Cabeça-vermelha é o lado

---

<sup>20</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212, p. 05.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 04.

do PT”<sup>22</sup>. A expressão cabeça-vermelha, tanto pode ter relação com um pássaro típico do Nordeste do mesmo nome, e conhecido como galo-de-campina, pois os eleitores e simpatizantes do Partido dos Trabalhadores, utilizavam chapéus vermelhos remetendo ao topete vermelho que essas aves possuem. Ou por simplesmente andarem sempre com a cabeça vermelha devido o acessório utilizado.

Não eram somente os petistas que se enfeitavam para prestigiar os eventos políticos. A família do não eleitor “José”, por exemplo, votavam em Pedro Otacílio do PSD, e, por isso, em sua casa eles se vestiam de amarelo, cor do partido que acompanhavam. Ele ressalta que provavelmente ainda tenha as roupas daquela época, guardadas, “ainda hoje eu acho que eu tenho as roupas lá, meu chapeuzinho amarelo, a bandeirinha, não podia faltar, né! tanto é que as estrada lá, era... tinha um monte de bandeira lá”<sup>23</sup>. Além das roupas não poderia faltar as bandeiras, que após os eventos eram colocadas em frente as residências, provavelmente para demarcar em quem aquela família iria votar. Se vestir com as cores do grupo que apoia, possui uma relevante importância, porque quando junta uma grande quantidade de pessoas no mesmo local, como no caso dos comícios, causa um forte impacto aos adversários, e gera confiança para o eleitorado, crescendo a expectativa pela vitória.

Observando outros aspectos da imagem abaixo (figura 01), tendo em vista o ângulo que a foto foi tirada, vemos ao fundo, do lado direito um prédio azul, com pessoas em seu entorno, que possivelmente buscam a proteção solar. Trata-se do Açougue Municipal que fica sobre a praça central. E a esquerda pessoas na calçada de outros prédios. Esses parecem não se preocuparem em vestir a camisa do partido. Pode tratar-se de curiosos do outro lado político, já que vemos um pontinho amarelo, cor que representava a outra agremiação partidária.

---

<sup>22</sup> José, 2021.

<sup>23</sup> José, 2021.



Figura 1: Multidão reunida em um dos comícios de campanha do partido dos trabalhadores nas eleições municipais de 2008, em Alagoinha do Piauí-PI.

Fonte: Arquivo pessoal do Jornalista Jonas Agenor da Rocha, natural da cidade de Alagoinha do Piauí.

Como perceptível na figura 1, muitas pessoas frequentavam os eventos de campanha. Quando perguntado se ele se dirigia aos comícios, o entrevistado “Joaquim”, respondeu que sim, “ia sim, ia sim. Acompanhava de perto. Todo comício a gente ia pás fofoca”<sup>24</sup>. Mesmo se tratando dos eleitores de somente um lado político é mostrado uma multidão bastante acentuada, lotando ruas da cidade (ver figura 1). O número expressivo demonstrado a partir do ângulo da imagem acima, também aparece na fala do entrevistado quando ele afirma “era gente muita”<sup>25</sup>, para explicar como ficava a cidade durante os comícios. A posição em que a fotografia foi tirada pode ser bastante relevante, para demonstrar uma quantidade superior de pessoas. O local da realização do evento da figura 1, é na Avenida Nove de Abril, ao lado da Praça São Francisco.

Outro entrevistado, o “Antônio”, também afirma em suas elocuições que se tratava de momentos que reuniam muitas pessoas. Ele frequentava os comícios do grupo do PT, por votar nessa sigla, acompanhando o candidato Clodoaldo de Moura Rocha. Desse modo é proferido “tinha muita gente, claro que tinha muita gente. É animado o povo... naquela política tinha festa, não era igualmente essas de agora que não teve festa. A gente ia, tinha o comício, tinha o povo falando em cima do palanque e tinha aquela alegria”<sup>26</sup>. É enfatizado que “tinha muita gente”, trazendo uma possível obviedade, sobre como era esses períodos na cidade de Alagoinha do Piauí. O entrevistado faz um comparativo, com a campanha de 2020, que devido a Pandemia do Corona Vírus, não foram realizados os eventos, como nas eleições de 2008.

<sup>24</sup> Joaquim. Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra. Alagoinha do Piauí. 05, set. 2019.

<sup>25</sup> Joaquim, 2019.

<sup>26</sup> Antônio. Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra. Alagoinha do Piauí-PI. 30, abr. 2021.

Dessa forma, temos indícios que o eleitorado e seus adjacentes tinham a prática em frequentar comícios. O grupo de Clodoaldo se mobilizava, para aglomerar o maior número possível de pessoas, e manter o eleitorado e apoiadores, animados, na corrida pela Prefeitura de Alagoinha do Piauí, em 2008. A entrevistada “Luiza” se empolga em falar que “nós íamos as festas, dançava muito, era muito animado”<sup>27</sup>. Essas festas que ela menciona eram os comícios, vemos que ela enxergava, esses comícios não como a oportunidade de ouvir as propostas, mas como um meio de comemoração e diversão. Mas eram somente os comícios do PT que reuniam uma massa de pessoas?

Apesar de não termos imagens dos comícios de 2008, referente a sigla partidária PSD, do candidato a prefeito Pedro Otacílio, já que entramos em contato com várias pessoas e não conseguimos acesso a fotografias desse grupo político. Nas falas de “Raimundo” é citado que determinado comício de campanha do referente grupo, que o entrevistado defendia, teria sido frequentado por um número expressivo de pessoas. Esse fato teria sido suficiente para assustar os adversários ao ponto de se desesperarem e irem em busca de uma possível compra de voto em massa.

Tava (sic) empatado técnico. Foi assim. Quando eles viram um comício, que nós fizemos uma noite, numa sexta-feira de noite, daí quando eles viram, aí se assom...[assombraram], que é o pula pau que nós chama (sic), Valdemar, correu na casa de Clodoaldo, [e falou] nós perdemos a política para Pedro Otacílio, pode se virar<sup>28</sup>.

Esse mesmo comício, também foi mencionado por “José”, que apesar de ainda não ser eleitor na época, acompanhava sua família, que votava em Pedro Otacílio. Ele afirma recordar que, quando chegou o dia da eleição, consideravam que Pedro Otacílio venceria, isso porque dentre outros motivos, no último comício de sua campanha, tinha conseguido reunir uma quantidade exacerbada de pessoas. É assim que “José” descreve, esse acontecimento.

Aí o que acontece, eu me lembro nós fomos no domingo, né! Tudininho de amarelo, tudo de bandeira e tudo mais, só que o que acontece, um dia antes já tinha acontecido do arrastão, né. O arrastão que eles falam é aquele, o comício, aí é o arrastão. Tem que ir todo mundo, não pode ficar ninguém. Foi o comício em Alagoinha com uma passeata na rua, que nunca tinham visto gente daquele tanto. O do outro lado, tanto é que estavam na porta, já disseram que começaram a chorar e disseram que já estavam perdidos. Os boatos de pessoas adversárias que depois que passou a eleição, ficaram contando<sup>29</sup>.

Nos capítulos subsequentes, será analisado esse evento, com o propósito de investigar a ocorrência de vários atos, em decorrência do impacto que foi gerado a partir da sua realização.

---

<sup>27</sup> Luiza. Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra. Alagoinha do Piauí-PI. 01, maio. 2021.

<sup>28</sup> Raimundo, 2019.

<sup>29</sup> José, 2021.

Assim como, em primeiro momento, devemos levar em consideração que todas as afirmativas proferidas por meio das entrevistas, são compostas por subjetividades. Cada entrevistado revela os aspectos que lhe convém. Então, é esperado que afirmem a presença de uma multidão, nos eventos do seu partido. A não ser, no que se refere os dois que em 2008 acompanhavam o grupo de Pedro Otacílio, mas que em 2020 já haviam mudado de lado. Nesse caso, poderia ser mais vantajoso negar esses acontecimentos, porém não o fizeram.

(...) o trabalho com a História oral pode mostrar como a constituição da memória é objeto de contínua negociação. A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade<sup>30</sup>.

Como o objetivo desse capítulo, é analisar as práticas no decorrer de campanhas eleitorais, e uma delas é frequentar os eventos propagandistas, avançamos alguns anos, chegando a 2011 na eleição suplementar em que Pedro Otacílio, voltou a se candidatar. As eleições de 2008 e 2011, possuem uma ligação direta, devido os acontecimentos que ocorreram, no espaço entre as duas. Veremos do que se trata, nos capítulos seguintes. Dessa forma, podemos notar a presença significativa da população, também em 2011, observando a imagem a seguir (figura 02), no comício realizado, no dia 03 de novembro de 2011, o último antes do dia da eleição. Pode-se concluir que não são episódios momentâneos que ocorreram somente em 2008. É costumeiro a cultura política de comparecer as festividades, se assim podemos nos referir, ocorridas durante o período eleitoral.

---

<sup>30</sup> ALBERTÍ. In: PINSKY, 2008, p. 167.





Figura 2: multidão reunida no último comício de campanha do candidato Pedro Otacílio de Sousa Moura na eleição municipal suplementar de 2011, realizado dia 03 de novembro, em Alagoinha do Piauí.  
Fonte: Portal Riachaonet, 2011.

Vemos na imagem acima, assim como na figura 1, analisada anteriormente, que comício retratado foi realizado também na Av. Nove de Abril, posicionada no mesmo local do evento realizado em 2008. O que mudou foi o ângulo em que a imagem foi registrada. Na figura 1, do comício de 2008, a câmera registrou uma imagem mais próxima, o prédio ao fundo (Açougue Municipal) está mais aproximado. No caso da figura 2 do comício realizado nas eleições de 2011, tem um panorama mais aberto e o prédio fica mais distante. É notório que a cor do prédio ao fundo, que na figura 1 era azul, passados três anos, ocorre uma modificação na cor. Na imagem acima ele está amarelo. O motivo dessa mudança não é viável de ser esclarecido de imediato, pode ter relação com a mudança de gestão, já que se trata de um edifício público, o Açougue Municipal. Pelo que observamos, fazendo o comparativo entre as duas imagens, de 2008 e 2011, analisadas até o momento, aparentemente os comícios parecem ocorrer no mesmo lugar, na Avenida Nove de Abril.

Diferente da figura 1, em que a maioria dos presentes estão vestindo a camisa do partido, com a predominância da cor vermelha, símbolo do Partido dos Trabalhadores, no comício de 05 de setembro de 2008, na figura 2, comício realizado na eleição suplementar de 2011, do candidato a prefeito Pedro Otacílio, vemos um número menor de pessoas, vestindo a cor

amarela, do partido. Isso pode se dar por diversos motivos, um deles pode ser a não distribuição de camisetas, por parte do grupo político. Isso porque é comum que os partidos políticos distribuam para o eleitorado, vestimentas com as cores e numeração do partido, para gerar um maior embelezamento dos espaços onde são realizados eventos, e para demonstrar uma força maior de determinada sigla. Mas em algumas eleições não ocorre a doação e essas peças precisam ser compradas. Outra motivação pode ter relação, com o fato de a eleição ser suplementar e por isso possivelmente, pode ter ocorrido uma menor mobilização na campanha, por ser algo imediatista. O não eleitor “José”, ao ser questionado acerca das eleições de 2011 se expressa da seguinte forma, “Era doutor Pedro contra Jorismar, né? Essa política ela não foi tão arrojada [disputada], entre aspas. Não tinha tanta dúvida. Só era um ano, então não foi uma eleição tão quente”<sup>31</sup>. O que demonstra que talvez não tenha ocorrido uma disputa tão acirrada.

Para enriquecer o nosso trabalho fomos em busca de matérias jornalísticas, que mencionasse as disputas eleitorais de 2008 e 2011, na cidade de Alagoinha do Piauí. Em relação as eleições de 2008, não encontramos reportagens que ressaltassem a realização desses eventos. Na rede de internet era como se eles nunca houvessem ocorrido. Talvez, as lideranças políticas não tenham se atentado em investir na propaganda, através de sites e portais, o que se verificou em 2011. O portal Riachaonet destacou a realização de um grande comício de encerramento da campanha de Pedro Otacílio, o mesmo mostrado na imagem anterior.

Através de um grande comício em praça pública com a presença de milhares de correligionários e simpatizantes, os candidatos a prefeito e vice-prefeita de Alagoinha do Piauí, médico Pedro Otacílio de Sousa Moura (PSB) e a vereadora Maria de Lourdes da Silva, a Lurdinha (PTB), encerraram a campanha na noite de ontem, quinta-feira, dia 03 de novembro<sup>32</sup>.

O mesmo portal, também escreveu sobre o comício realizado pelo Partido dos Trabalhadores (PT) que, em 2011, tinha como candidato a prefeito, Jorismar Rocha. Como sabemos, em 2008, o candidato desse partido era o médico Clodoaldo Rocha. Ao fazer referência a esse evento, é destacado que mesmo com uma brusca queda de energia elétrica na cidade, uma multidão de correligionários permaneceram ávidos até o fim do comício.

Mesmo com a falta de energia elétrica que deixou a cidade às escuras, uma multidão se reuniu em uma das principais avenidas de Alagoinha para assistir ao comício do 13. Com o apoio de um gerador, os populares ficaram até o final para ouvir as propostas de Jorismar Rocha (PT) e Nicássio, candidatos

---

<sup>31</sup> José, 2021.

<sup>32</sup> PAULO, João. Pedro Otacílio e Lurdinha encerram a campanha com grande comício. *Riachaonet*, 05, nov. 2011. Disponível em: <https://www.riachaonet.com.br/portal/pedro-otacilio-e-lurdinha-encerram-a-campanha-com-grande-comicio/>. Acesso em: 02, jun. 2021.

a prefeito e vice, respectivamente, nas eleições suplementares que acontecem no próximo domingo, 6<sup>33</sup>.

Diante das fontes expostas, objetivamos concluir que durante o período eleitoral de 2008 e 2011, ambos os grupos políticos em disputa, reuniam milhares de pessoas, em praça pública ou em outros ambientes, para acompanhar comícios de campanha. Mesmo com obstáculos, eleitores e simpatizantes compareciam e permaneciam até o final dos eventos. Mas será mesmo que todo esse entusiasmo é devido o interesse em ouvir as propostas dos candidatos, como mencionado por Jonas Rocha, na reportagem do Portal Riachaonet? Geralmente grande parte dos frequentadores já tem seu voto decidido, mas manter-se firme diante dos percalços, permanecendo nos eventos mesmo diante de vários empecilhos, como no caso, a queda de energia, pode simbolizar a união e a força daquele grupo político, gerando uma vantagem simbólica para com o outro grupo.

Que a população tinha o costume de frequentar esses ambientes, já é sabido. Mas o que acontecia nesses eventos? Ao ser questionado sobre o que acontecia nos comícios da eleição de 2008, “Joaquim”, transparece uma timidez através de risadas desconfiadas e se limitou a relatar que “era só alegria mermo (sic)”<sup>34</sup>. Só quando foi indagado, um pouco mais à frente, na entrevista, sobre como ficava a cidade durante esse período é que ele descreveu com mais empolgação, mas ainda só destacando os pontos positivos. Mesmo que o partido que acompanhava tenha saído vitorioso, essa dificuldade em expressar mais detalhadamente suas experiências pode estar relacionado com o fato, do candidato, posteriormente ter sido cassado com acusação de compras de votos.

Essa reação nos deixou um tanto quanto intrigados, é mostrado ao longo dessa pesquisa, um protagonismo político, por parte do eleitorado, em que aparentemente eles têm consciência dos seus atos e agem conforme lhes convém, em que são constituídas relações de poder entre o eleitorado e os políticos. Não havendo um papel de submissão da população. Porém, nesse caso específico, se expressar acerca desse assunto parecia algo difícil para o entrevistado em questão, sendo notado resquícios de medo e submissão às figuras políticas partidárias do município. Se era só alegria, por que não revelar esses momentos com mais sagacidade, logo de início, para que outras pessoas também pudessem conhecer e apreciar essa alegria? A impressão que surge é que esses acontecimentos iam além do divertimento, para grande parte dos eleitores poderia ser o momento de lançar táticas para o exercício do poder que lhes era conferido.

---

<sup>33</sup> ROCHA, Jonas. Comício do PT em Alagoinha reúne multidão. *Riachaonet*, Picos PI, 05, nov. de 2011. Disponível em: <https://www.riachaonet.com.br/portal/comicio-do-pt-em-alagoinha-reune-multidao/>. Acesso em: 02, jun. 2021.

<sup>34</sup> Joaquim, 2019.

Outra questão que pode ter relação com a opção de não penetrar no assunto, seria a fidelidade ao partido que apoia, já que ele assume apoio ao PT. Medo de talvez falar algo que possa prejudicá-los e colocá-los em contradição com relação aos planos políticos, pois mesmo que já tenha passado um tempo, desde a referida eleição, as disputas no município continuam entre os mesmos grupos, com propósitos e rixas semelhantes. Mas provavelmente o receio do entrevistado em verbalizar determinados acontecimentos, não seja necessariamente para se proteger, mas com intuito de proteção para com os políticos, que ele manteve uma afeição. Até porque manter o vínculo com esses políticos, poderá render vantagens para si, como veremos no próximo capítulo.

Diferente de “Joaquim”, “Antônio” não tem dificuldade em falar sobre esses episódios. Ele afirma através da forma como se expressa, sem muita seriedade, que esses momentos eram reservados para diversão. “Comício a gente ia mesmo só dançar, gritar e torcer pro partido da gente”<sup>35</sup>. Ele ainda explica que os carros que transportavam os eleitores e simpatizantes, iam sempre lotados. “Quando nós não íamos no carro cheio de gente, eu ia no meu, levando o pessoal mais eu (sic), mas ia cheio, de qualquer maneira ia cheio”<sup>36</sup>. O não eleitor “José” também descreve o quanto era empolgante ir nesses eventos, gerava inclusive uma expectativa, antes da chegada dos automóveis que os levariam, “aí nós se juntava (sic) tudinho, aquela maior animação... lá vinha tudinho lá pra casa, né! e aí só lá em casa já dava de encher o pau de arara que vinha”<sup>37</sup>.

Ao descreverem os momentos sublimes que era frequentar os eventos partidários, os entrevistados nos revelaram mais uma prática comum, em Alagoinha do Piauí. Os políticos disponibilizavam automóveis para transportar seus apoiadores até os locais das festividades. Em alguns casos, também ofereciam combustível, para que eles utilizassem seus próprios transportes. Apesar de “Antônio” afirmar que levava as pessoas em seu carro e não recebia nada para isso, utilizando seus próprios recursos. “Gastava era o meu, botava gasolina pra poder eu ir”<sup>38</sup>.

Não receber combustível, em troca de frequentar os eventos, era uma posição compartilhada entre “Antônio” e “José”. Afinal, segundo eles outras pessoas adquiriam, mas eles não queriam. O não eleitor “José”, mesmo na época não tendo idade suficiente para pilotar moto, ou dirigir carros, afirma que em sua família

---

<sup>35</sup> Antônio, 2021.

<sup>36</sup> Antônio, 2021.

<sup>37</sup> José, 2021.

<sup>38</sup> Antônio, 2021.

(...) eles não recebiam isso de dinheiro pra ir participar, gasolina, esses negócios, eles nunca foram. Iam porque gostava, mas durante esses dias lá, os postos eram lotados, que eles distribuíam fichas pra trazer as pessoas do interior, normalmente pessoas que tinha carro<sup>39</sup>.

É justificável que eles prefiram negar tais práticas acometidas, assim como é provável que estejam sendo sinceros. Isso porque muitas vezes, o sentimento de pertencimento influencia no deslocamento, somente por gostar, querer agradar os políticos e lideranças. Ou até por ser algo de fato prazeroso. “Joaquim”, ressalta que muitos pediam combustíveis, em troca de frequentar esses ambientes. Mas assim como os outros entrevistados, afirma não ser o seu caso.

(...) tem muita gente que...que tem gente na época da política que até o petróleo, pede os candidatos. Eu mermo num ped... [pedi] Deus me livre! Mas tem gente que pede, aqui acolá, pra botar na moto ou no carro. Pra poder ir e voltar.<sup>40</sup>

A locomoção até a sede da cidade e outras localidades para participar de comícios, carreatas e poeirões<sup>41</sup>, é imbuída de significados. Cabe analisar inclusive, que muitas pessoas provavelmente só participavam desses eventos, com objetivo de abastecer seus meios de transporte. Por outro lado, devido a paixão que nutrem pelos candidatos, outros optam por dispensar a ajuda de custo oferecida pelos políticos, se deslocando com seus próprios recursos financeiros.

Para muitos jovens da época, como o não eleitor “José”, a ida até esses eventos era motivo de expectativa. Já que para ele se tratava de um momento regado a muita diversão e animação, onde encontrava os amigos, se deliciava com guloseimas. “Bem, na minha época, aquele período eu tinha mais ou menos uns nove, dez anos, de idade. Eu me lembro que minha família se arrumava tudinho. Quando dizia, aí, vai ter um poeirão, vai ter um comício era aquela maior animação<sup>42</sup>. A empolgação era tanta que a família inteira se reunia e se vestia a caráter, para festejar.

Vinha vô, vó, meus primos tudinho. Tudinho com as roupinhas, que eu me lembro, era até 40 [número correspondente a sigla partidária PSD]. Ainda hoje eu acho que eu tenho as roupas lá, meu chapeuzinho amarelo, a bandeirinha, não podia faltar, né! tanto é que as estrada lá, era... tinha um monte de bandeira lá. Que era uma coisa medonha, aí ia. O mais engraçado era quando nós topávamos pessoas que era do outro lado, quando tinha comício no mermo (sic) dia. Pegava pedra, tacava nos carros. Um dia eu me lembro que quando nós íamos no carro, que foi que aconteceu, nós deixemos uma chinela cair, de propósito, pro homem parar. Aí nós fomos, peguemos pedra, aí quando vinha o carro, lá do home [homem] lá. Eu até sei quem é o homem, eu não vou citar

---

<sup>39</sup> José, 2021

<sup>40</sup> Joaquim, 2019

<sup>41</sup> Evento ocorrido durante campanhas políticas de municípios de pequeno porte, em que o eleitorado se junta para se divertir ao som dos Jingles, sem a presença dos longos discursos proferidos pelos candidatos, nos comícios.

<sup>42</sup> José, 2021.

nome. Aí na hora que vinha, jogamos pedra lá neles. Foi até no dia que doutor Pedro... quando nós vínhamos voltando, correndo. Era as crianças, nós era uns pestinha medonho<sup>43</sup>.

Vestidos com as cores do partido, até mesmo o percurso poderia ser aproveitado, como meio de provocação. Caminhões, mais conhecidos como “pau de arara”, lotados com correligionários e simpatizantes, ao cruzarem com pessoas do partido adversário, na estrada, era dado o momento de lançar provocações e gerar algazarras. O que certamente era uma ocasião divertida e composta de adrenalina. Mas que também geram situações bastante perigosas. O ato de lançar pedras nos carros dos adversários, prática naturalizada pelo não eleitor “José”, que na época ainda era criança, é suscetível de causar acidentes, machucar pessoas e em casos mais graves levar a mortes. Sem contar que devido aos ânimos exaltados, pela disputa eleitoral, essas ações podem provocar reações, principalmente tendo em vista as rivalidades nutridas, pelos grupos em disputa, poderia acontecer uma tragédia caso alguém revidasse com o uso de arma letal. O que é narrado pelo entrevistado como momento de diversão, poderia resultar em um grande infortúnio. Desde criança, pelo que se percebe nas falas do não eleitor “José” já aprendiam essas práticas, o que a posteriori, quem sabe não se tornará um meio de negociar privilégios.

É interessante notar que se fazem presente nos comícios, diferentes gerações, desde a criança ao idoso, ficando evidente este contraste nas imagens 1 e 2 (ver figura 1 e 2), apresentadas neste estudo. Ainda que não seja mais necessário, do ponto de vista do voto não ser mais obrigatório para os idosos, muitos deles ainda participam do processo eleitoral de maneira bastante ativa. Os avós do não eleitor “José”, são exemplos que podem ser apontados. Nesse contexto é possível questionarmos as motivações que levam a participação dessa faixa da sociedade de Alagoinha do Piauí – PI. Para “José” eles iam porque gostavam e não poderia faltar nenhum apoiador do partido. Isso pode ter relação com o sentimento de compromisso, por serem chefes de família. Já em se tratando das crianças, vimos o exemplo de “José” que acompanhava os pais nesses eventos, e ansiava pelos dias de suas realizações.

Além de crianças e idosos, outro grupo que parece não deixar de ir aos eventos partidários, mesmo estando em condições desconfortáveis para tamanha agitação, são as gestantes. A título de exemplo, podemos citar a nossa entrevistada “Luiza” que estava esperando sua filha mais nova, durante o período eleitoral de 2008, e nas últimas semanas da gestação, ainda fazia questão de frequentar os comícios que eram realizados próximos da localidade em que residia. “Mas eu fui ainda, eu fui. Era que eu tinha muita alegria que ele

---

<sup>43</sup> José, 2021.

ganhasse, Clodoaldo”<sup>44</sup>. E ela não ia somente para fazer volume, faz questão de lembrar que “ia as festas, dançava muito, era muito animado”<sup>45</sup>.

O que pode levar muitas pessoas a participarem desses eventos, suplantando a diversão, que geralmente é a motivação de muitos jovens, é o apoio político ao grupo que acompanham. Isso nos faz refletir acerca das motivações que as conduzem a defenderem determinado grupo em disputa eleitoral. “Raimundo” nos apresenta algumas possibilidades. Segundo ele “o pessoal da Alagoinha, uma parte é assim... uma parte vota por favor, outros vota por dinheiro, outros vota por si próprio”<sup>46</sup>. A forma como o entrevistado expõe essas questões, de forma tão natural, como se votar em troca de favores e contribuições financeiras fosse normal no município, instiga problemáticas que é ansiado explicar ao longo deste estudo.

Mas o que seria “votar por si próprio”? possivelmente trata-se de votar por escolha própria, tendo em vista a análise de propostas, correto? Esse não é bem o argumento que o eleitor “Raimundo” alegou, segundo ele é quando a pessoa vota e conseqüentemente em grande parte dos casos, participa dos eventos de campanha “Sem receber nada, só mermo porque vota, que é do partido, tá entendendo? É do partido e é daquela liderança nunca... só vota naquele candidato”. Ou seja, essa parcela do eleitorado passa grande parte de sua vida votando no mesmo grupo, independente de quem seja o candidato ou como foi sua gestão. Isso porque talvez sejam beneficiadas de alguma forma. Mas principalmente pelo fato de seguirem uma tradição familiar. Assim como declara “Raimundo”.

É porque aquilo é... a eleição ela sempre, toda vida foi tradição. É aquela tradição dos mais velho, de primeiro... ah vou votar em partido fulano, em partido cicrano, vou acompanhar meu pai, vou acompanhar meu irmão, minha família, aí... porque eu mermo, na realidade, quando pai mais mãe votava num partido, eu ainda hoje, tô (sic) no mermo (sic). Tô com 4 ano só que saí, três ano que saí da liderança deles. Até quando eles votavam, eles falecerão, eu fiquei no mermo partido que eles votavam, ainda hoje. Só tá com três ano que eu saí<sup>47</sup>.

Esse ponto da fala do entrevistado, pode possibilitar uma correlação com o Serge Bernstein, acerca da cultura política. Por muito tempo o entrevistado “Raimundo” seguiu a tradição da família, em votar no mesmo grupo político, talvez essa atitude possa ser vista como uma forma de alienação, por terem se acostumado com a submissão e a sofrerem nas mãos dos seus algozes. Mas quem disse que durante todos esses anos houve sofrimento? O fato de sua família ter optado por mudar de grupo político, demonstra que provavelmente haja outras

---

<sup>44</sup> Luiza, 2021.

<sup>45</sup> Luiza, 2021.

<sup>46</sup> Raimundo, 2019.

<sup>47</sup> Raimundo, 2019.

motivações, além da tradição em terem permanecido fiéis a esse grupo por tanto tempo, vantagens que não eram mais suficientes e que se fez necessário uma mudança para atender as necessidades daquele momento. Por isso, é tão importante entender a cultura política que se manifesta nesse local, por se tratar “no conjunto um fenômeno individual, interiorizado pelo homem, e um fenômeno coletivo (sic), partilhado por grupos numerosos”<sup>48</sup>. A escolha individual de “Raimundo” em sempre votar no mesmo partido, reflete numa tradição coletiva do eleitorado do município, em seguir essa mesma linha.

Seguimos na tentativa de entender os porquês, das pessoas seguirem determinados grupos, ao ponto de lotarem avenidas da cidade, nesses eventos. Pelo que é percebido nas falas do não eleitor “José”, em sua concepção não existe correlação com as propostas de cunho coletiva, elaboradas pelos partidos, e divulgadas no decorrer de cada campanha. Levando em consideração o exemplo, da sua própria família.

Na verdade, isso vai mais em termo do partido que tu desde criança acompanha (sic). Muitas das vezes nem um candidato não tem propostas sólidas que vão se consolidar se ele ganhar, no caso. Falar o que tu vai fazer e nunca faz, mas por ser de determinado partido, desde o início, acompanha e é forte naquele partido, né? Entre aspas, como fala “ah sou forte naquele partido”. Por exemplo, a minha família, desde o início sempre foi do partido de direita, entre aspas, de Alagoinha, que era da família tradicional que tinha lá, Braz e tudo mais. Somente depois foi que passaram, para o outro lado. Foi até uma confusão da porra, que não queriam passar dum lado pro outro. Mas aí todo mundo se reuniu e passou (...) <sup>49</sup>.

Como explanado nesse trecho da entrevista, a prática em apoiar certo partido, pode ser transmitida através de gerações. Como já foi citado anteriormente em uma das falas de “Raimundo”, os filhos acabam seguindo o pai, que por ser considerado o chefe da família, na sociedade patriarcal em que vivemos, possui autoridade, inclusive, para determinar em qual candidato, toda a família irá votar. As motivações dos antepassados, que deram início a tradição, podem ser diversas: por gratidão, a algo que tenha sido feito em seu benefício; proximidade com antigas lideranças, do grupo político; por afinidade aos ideais propagados. Isso porque, como descrito no *Dicionário de Política*<sup>50</sup>, em alguns casos o eleitor vota no partido que mais se aproxima da sua linha de interesse. Como foi mencionado no fragmento anterior, da fala de “José”, seus familiares seguiam o partido de Braz<sup>51</sup>, segundo prefeito eleito do município, e

<sup>48</sup>BERSTEIN, 1998, p. 349-359.

<sup>49</sup> José, 2021.

<sup>50</sup> BOBBIO, Norberto; MATEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Org.). *Dicionário de Política*. Tradução: Carmen C. Varriale, Gaetano Lo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacais e Renzo Dini. 11. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

<sup>51</sup> Braz José Neto, eleito duas vezes prefeito de Alagoinha do Piauí, em 1989 e 2001.



pertencente a uma família tradicional na política. Que por décadas permaneceram a frente da prefeitura.

Esse costume, também pode ser baseado na ligação direta com antigos candidatos, e fundadores de grupos políticos, como é o caso de quem faz parte da família de antigos políticos partidários, que muitas vezes ainda permanecem atuando como líderes políticos. Esse é o caso da entrevistada “Luiza”, que desde que se casou, no ano de 2000, e veio morar no município de Alagoinha do Piauí, acompanha o partido do PT. Sempre votou “(...) do mesmo lado. É que meu esposo toda vida votava no PT, aí toda vida era no PT, toda vida”<sup>52</sup>. Seu esposo é filho do ex-vereador João Deolindo de Carvalho, eleito por três mandatos. Até o dia da referida entrevista ainda continuavam apoiando essa sigla.

O sentimento de pertencimento e envolvimento emocional com determinado partido político, que podem se constituir tendo em vista a forma como são tratados, por determinados políticos, ou por simplesmente terem construído, internamente, um vínculo com aquele grupo, configura mais uma das motivações, para acompanhar e frequentar os eventos políticos. O entrevistado “Antônio”, afirma votar no PT, desde que se tornou apto a votar. E sempre fez questão de ir nos comícios. Porque tem uma paixão pelos candidatos e torce igualmente as torcidas de futebol, para com os seus times.

Eu gostava era dos... eu gostava era de meus candidatos, eu ia porque queria defender meus candidatos. Porque a gente se apaixona, igualmente a gente se apaixona por um filho, por um time de futebol. A gente não se apaixona por um time de futebol? Eu sou torcedor do Vasco, quando o Vasco tá perdendo eu quero derrubar a televisão, com raiva, igualmente a política a gente se apaixona. Eu tirei meu título aí me intimei, sou intimado nesse partido. É, eu sou... intimei no partido, não posso sair, é quase do tipo de uma intimação. Se eu sair, eu acho, que eu pôr o outro lado não tem, eles não me recebem e não me querem lá do outro lado. Ai eu... já me acostumei que só sei... só me sinto feliz se tiver desse lado<sup>53</sup>.

Essa paixão pelo partido pode ser tão forte, que mesmo passando décadas sem vencer as eleições, “Antônio” não cogita a possibilidade de votar em outro grupo político. “Eu só votava do lado que perdia, foi o partido que eu votei que ganhou foi Clodoaldo. Dentre esse tempo todinho que eu voto aqui em Alagoinha, foi a primeira vez”<sup>54</sup>, se referindo a eleição de 2008. Na entrevista, ele deixa explícito que sempre irá votar no candidato que fizer oposição ao grupo que naquele ano tinha como representante Pedro Otacílio, gerando indícios de uma possível aversão a coligação PP/PSD. Apesar de alguns estudiosos defenderem que “o voto não

---

<sup>52</sup> Luiza, 2019.

<sup>53</sup> Antônio, 2019.

<sup>54</sup> Antônio, 2021.

seria, portanto, uma escolha realmente consciente, mas antes um fato habitudário, determinado por um forte grau de adesão ao próprio partido e de hostilidade em relação aos partidos antagônicos”<sup>55</sup>. O que poderia ser correlato com as declarações de “Antônio”. No *Dicionário de política* é feita uma crítica a essa linha de estudo, que defende o voto como sendo uma ação inconsciente, influenciada pela repulsa aos partidos adversários.

(...) o fenômeno da identificação entre eleitor e partido não exclui a presença em tal relação de elementos de caráter racional. O eleitor identificado, embora nem sempre, é, em muitos casos, um eleitor que possui uma certa consciência de partido, condicionada pela adesão ao programa do seu partido e às suas posições políticas em face dos problemas do momento. O fato de que o seu voto seja fundamentalmente estável não significa que seja mero resultado de fatores psicológicos, irredutível a uma análise racional. Por isso, é necessário precaver-se em não deduzir da estabilidade do voto a sua pressuposta "irracionalidade"<sup>56</sup>.

Tendo em vista as tramas que foram expostas até esse ponto, vemos que todas as práticas sociais apresentadas, fazem parte de uma cultura política engendrada no município de Alagoinha do Piauí. Através dos relatos orais, de imagens e matéria jornalística se faz possível identificar aspectos dessa cultura política, o que é bastante relevante para o historiador, porque a partir de signos podemos compreender as motivações que levam sujeitos a desempenharem determinados comportamentos. Serge Berstein afirma que a identificação de certa cultura política permite descobrir o âmago de determinadas atitudes.

Nesse primeiro momento expomos estes pontos, na tentativa de perceber o que leva uma multidão até os eventos de campanha e se existe a possibilidade de explicar os comportamentos transmitidos através das fontes. Portanto, é notório a multiplicidade de análises que podem ser feitas a partir do panorama que envolve as campanhas políticas, percebendo as relações assim estabelecidas no contexto da realização dos comícios e as práticas neles instituídas. Incitando a indagação a outros episódios envolvendo o processo eleitoral e como veremos no tópico a seguir, modificando o espaço urbano e rural.

## **2.2 Mesmos espaços, novas funções: modificações no espaço urbano e rural**

A cidade de Alagoinha do Piauí se transformou com o advento do processo eleitoral, no recorte de nossa pesquisa. Devido aos acontecimentos abordados anteriormente, percebemos que a dinâmica urbana acaba sendo alterada. Como foi perceptível através das imagens, são atraídas para os espaços urbanos, milhares de pessoas. Assim como também gera uma grande agitação, na Zona Rural. Como consequência deste fenômeno ocorre uma invasão à vida

---

<sup>55</sup> BOBBIO, 1998, pág. 393.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 394-395.

privada da população citadina, seu cotidiano se volta para os eventos político, as pessoas vindas da zona rural, muitas vezes se hospedam ou visitam as casas de parentes, amigos e correligionários, do partido que acompanham. Os festejos nas ruas levam o barulho até o interior das residências e, muitas pessoas se dedicam a trabalhar nas campanhas. Em dias de comícios, carreatas, passeatas e poeirões a rotina de muitas pessoas acaba sendo modificada, algumas ruas acabam sendo bloqueadas impedindo a locomoção de veículos e o prosseguimento do ciclo cotidiano da vida na urbe.

Essas alterações se estendem também aos espaços rurais. Os eleitores passam a circular entre as localidades, em busca de alianças políticas, e os moradores passam a receber visitas de lideranças políticas e candidatos. O entrevistado “Antônio” fala que os candidatos iam até sua residência em busca de angariar votos, “quase todos eles, vêm aqui em casa”<sup>57</sup>. Muitos eventos também são realizados no espaço rural, é o caso dos conhecidos poeirões, que reúne eleitores e simpatizantes em determinada localidade para aclamar determinado grupo político. Diferente dos comícios, nos poeirões não estão presentes os longos discursos dos políticos, as pessoas vão para se divertir e encontrar seus aliados. Quando perguntado acerca dos poeirões, “Antônio” explicou, “nam, isso aí era bom demais. Tinha poeirão todo fim de semana, tinha poeirão na sexta no sábado e tinha a caminhada no domingo e tinha poeirão no meio da semana, na quarta-feira”<sup>58</sup>.

Os eventos eles não ocorrem somente no âmbito urbano. Provavelmente para que mais pessoas tenham acesso, os candidatos costumam realizar essas festividades em localidades que possuem uma centralidade no município, ou que possuem espaços físicos mais amplos. Esses hábitos também podem permitir que o eleitorado se sinta incluído na organização da campanha o que pode acarretar num sentimento de pertencimento, intensificando o apoio político do eleitorado. O não eleitor “José” ao ser questionado se esses eventos ocorriam somente na cidade, respondeu:

Nos interiores. As pessoas mais tradicionais que tinha na região, algum representante político, sempre eles procuravam meios de levar determinado candidato, para fazer poeirão, comícios e tudo mais. No São João era o principal local onde tinha esses negócios, por conta do espaço de frente ao colégio. Aí faziam as carreatas vindo da cidade, até o interior. E o interior quando ia para a cidade fazia a carreta do interior indo até a cidade<sup>59</sup>.

Pelo que consta no fragmento acima parece ser de grande relevância para líderes políticos de determinadas localidades rurais, conseguir realizar tais eventos nesses locais,

---

<sup>57</sup> Antônio, 2021

<sup>58</sup> Antônio, 2021.

<sup>59</sup> José, 2021.

provavelmente por adquirir maior prestígio, diante dos moradores dessas comunidades. A localidade São João, mencionada no trecho, é um local não muito distante da sede, onde fica localizado uma das maiores escolas, da zona rural do município. Por isso talvez, seja tão relevante para a ocorrência desses eventos. Os eventos nos espaços rurais também permitiam a realização de carreatas no decorrer do percurso, ampliando a dimensão do espetáculo.

No fragmento anterior, na fala de “Antônio”, é citada outra prática que também movimentava a cidade, as passeatas. Mencionada pelo entrevistado, como caminhada, esses eventos são realizados na sede da cidade. Antes de comícios, ou em dias marcados, em que as pessoas caminham pelas ruas da cidade, vestidas com as cores do partido, conduzidos por carros de som, tocando os Jingles.

Normalmente as passeatas ocorriam nos domingos, dia da semana em que os moradores da área rural do município se dirigiam até a sede da cidade. Em tempos normais, as pessoas iam para a feira, comprar frutas, produtos da sexta básica, ou até mesmo só passear e consumir bebidas alcoólicas nos barzinhos. Mas em período de eleição, uma multidão se juntava vestindo as cores dos partidos para promover algazarras e mostrar sua força. Como “Antônio” fez questão de ressaltar em sua fala “Os bares era (sic) lotado”<sup>60</sup>, o que também pode influenciar na economia, pois os donos desses estabelecimentos poderiam lucrar bem mais.

Nesse contexto as pessoas se deslocavam pelas ruas da cidade em caminhada, se reunindo depois em frente aos comitês. O não eleitor “José” se recorda desses episódios, nas eleições de 2008. “Eu me lembro, domingo, quando dizia é domingo ia tudinho, estava com as camisa. Tipo, ficava lá uns do lado do vermelho, uns do lado do azul, cada um em seus comitês pulando, até meio dia, uma hora da tarde, no sol quente<sup>61</sup>. Já fica bastante nítido, que a cidade não possui a mesma configuração de antes, as ruas eram tomadas, a praça ficava lotada, ocorrendo maior exaltação que em dias comuns, modificando, portanto, a dinâmica da cidade. O que é reforçado ainda mais, através da fala de “Antônio”, que relata o que ocorria no período da campanha das eleições de 2008.

Na época da campanha tinha, na época da campanha eles fazia um cordão dum lado e nós fazia do outro. O partido de doutor Pedro fazia o cordão deles e nós fazia o nosso. Eles fazia (sic) as muvuca deles, as moagem deles, do lado deles e nós fazia do lado nosso. Aí era o domingo todinho nessa alegria, a gente ia aí as vez (sic) até os botão da chinela a gente torava de tanto pular, que não dava nem fé, quando dava fé, nós tava (sic) descalço<sup>62</sup>.

---

<sup>60</sup> Antônio, 2021.

<sup>61</sup> José, 202.1

<sup>62</sup> Antônio, 2021.

Como é percebido esses encontros promoviam diversão e os grupos opostos costumavam se desafiar, gerando movimentos que agitavam a cidade. É possível até imaginar o barulho, a agitação e a adrenalina que esses encontros proporcionavam. A urbe se transmutava de uma forma que seus ambientes passavam a ser ocupados por novos significados.

Outro evento que também altera o dinamismo da cidade são as carreatas. Nesse caso, os cidadãos que possuem meio de transporte automobilístico, deixam seus afazeres diários, para participarem destes eventos. Durante esses episódios as ruas são ocupadas por automóveis que se organizam seguidos uns dos outros. Em sua maioria acompanham o veículo onde estão os candidatos a cargos públicos. Ocupando esses meios de transporte, os eleitores se amontoam em veículos abertos de médio ou grande porte, ou até mesmo nos considerados carros de passeio. Ficam suspensos nas carrocerias ou aberturas localizadas nas portas, sempre de bandeiras erguidas, aproveitando ao máximo cada momento. Esses aspectos constroem uma nova configuração para a cidade, além de modificar o fluxo natural do cotidiano, ainda faz surgir novos significados para ambientes urbanos.

Na imagem exposta a seguir (ver figura 3) é observado a presença de símbolos mencionados anteriormente. Vemos um carro aberto, azul, com vários populares em cima, segurando bandeiras vermelhas e brancas estampadas com a numeração 13, que indica a sigla do partido PT. Essas bandeiras aparentemente estão sendo movimentadas, o que pode indicar que a carreta está seguindo seu curso. A maioria das pessoas posicionadas no carro, vestem a cor vermelha, com exceção de uma criança, que está posicionada na frente, junto a cabine do automóvel, que veste branco. Mas como podemos perceber, branco também faz parte das cores do partido, já que as camisetas possuem detalhes nessa tonalidade. Na superfície ao lado do carro, pessoas também vestidas com as cores vermelhas, observam a passagem dos carros. É notório que todos que foram captados pela imagem, estão envolvidos com esse movimento que penetra as entranhas da urbe, deixando rastros pelo caminho.



Figura 3: Carreata realizada na cidade de Alagoinha do Piauí - PI, nas eleições municipais de 2008.  
Fonte: arquivo pessoal do Jornalista Jonas Agenor da Rocha, natural da cidade de Alagoinha do Piauí.

Dessa forma vemos que “os usos da cidade vistos através da rua permitem perceber os tempos simultâneos. Ela guarda múltiplas dimensões.”<sup>63</sup> Estes aspectos ficam ainda mais evidentes, durante o período eleitoral, porque em se tratando de uma cidade de pequeno porte, a rua possui normalmente a função de passagem, de mercado, de festas, de encontros e brincadeiras. Mas com as eleições surgem muitos outros sentidos de utilidade, como palco de conflitos, local de realização de eventos político partidário, lugar de diversão, ficando nítido nas imagens analisadas no decorrer do capítulo.

Na entrevista “Joaquim” revela com bastante empolgação, uma cidade repleta de alegria, onde as pessoas se divertiam com a musicalidade produzida pelos chamados *carros de som*. “Era só boniteza, era tudo ... era tudo um uma fofoca medonha, era gente muita e, era som e era zoada, era tudo. Tinha bandeira, tinha foto. É... nas paredes<sup>64</sup>.” Porém, surgem problemas como acúmulo de lixo, que alteram o odor e a aparência do espaço urbano. Como afirmado por “Raimundo” “(...) era lixo, tudo no meio da rua, espatifado. Depois ia arrumar, né”.<sup>65</sup> O que era beleza passava a ser sujeira, quando as pessoas se recolhem e somente o sopro dos ventos é

<sup>63</sup> CARLOS, Ana Fani. A rua: espacialidade, cotidiano e poder. In: *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007, p. 52.

<sup>64</sup> Joaquim, 2019.

<sup>65</sup> Raimundo, 2019.

ouvido. No final “aí fica só o lixo”<sup>66</sup>. Mas pelo que é refletido nas falas dos entrevistados pouco importava a subversão, no ato de cuidar do próprio lixo, já que logo após os funcionários da prefeitura iriam limpar a bagunça. O que importava mesmo era o momento de alegria.

Como é perceptível é como se no período de campanha a cidade não tivesse lei, e as pessoas esquecessem seus deveres de cidadão, de tudo valia em prol das manifestações a favor do seu partido. Espalhar lixo pela cidade, gerar barulhos excessivos, sem que haja uma preocupação com os danos que aquelas ações viriam a causar. Esses atos são relatados por “Antônio”, de maneira bem natural, dando a entender que nesses períodos, esse tipo de episódio era rotineiro e impossível de controlar, devido a quantidade de gente reunida.

A rua ficava totalmente suja, porque era... o povo rasgava papel, bebia e jogava lata no meio da rua. A sujeira era grande e era diferente, porque no período da campanha política todo dia tinha movimento na rua. Porque vai um pra pedir, vai outro pra fazer muagem (sic) de qualquer maneira o pessoal é dobrado, do tanto de gente, tinha comitê. Num (sic) tinha jeito, um ligava um carro de som e saía um monte correndo atrás, gritando<sup>67</sup>.



Figura 4: Carreata de campanha do candidato Clodoaldo de Moura Rocha, realizada na cidade de Alagoinha do Piauí-PI, em 2008. Na margem esquerda observa-se um som automotivo, bastante utilizado nos eventos de campanha do município.

Fonte: arquivo pessoal do Jornalista Jonas Agenor da Rocha, natural da cidade de Alagoinha do Piauí.

<sup>66</sup> Joaquim, 2019.

<sup>67</sup> Antônio, 2021

Seguimos analisando os impactos causados pela realização de carreatas no âmbito da cidade. Na imagem (figura 04) acima, vemos a frente, mulheres pousando para a foto, ao lado de uma estrela com o número 13 no centro, elas aparecem sorridentes, aparentemente felizes. A estrela é o símbolo do Partido dos Trabalhadores (PT), sigla do candidato a prefeito, nas eleições de 2008, Clodoaldo de Moura Rocha. Aquelas posicionadas à esquerda estão vestindo a camisa do partido, as outras se vestem com roupas comuns, porém uma delas está de vermelho, e a outra de blusa azul com adesivos cravados no peito, contendo face do candidato. Assim como a representatividade de estar vestindo a camisa do partido que acompanha, a utilização de adesivos pode criar um sentimento de pertencimento, e de aproximação com os candidatos, transparecendo também um sentimento de paixão do eleitor para com essas lideranças.

Para além da maneira como as mulheres que aparecem na foto, estão vestidas, percebemos outros símbolos que cabem uma análise. A estrutura da estrela, montada na rua, o cartaz ao fundo com o nome e a foto do candidato, já denomina uma modificação naquele espaço, que fora do período eleitoral, se constituía principalmente um lugar de passagem. Pelo acúmulo de pessoas, a estrutura montada e os homens dialogando, à esquerda, se faz crer, que esse pode ser um ponto fixado para reunir as pessoas, que muitas vezes vem das localidades rurais e de vários pontos da cidade, para na sequência, saírem em carreata. Essas carreatas costumam ser conduzidas por carros de som, e ao fundo, do lado esquerdo é visível um paredão de som automotivo com dois homens em cima, que provavelmente estaria tocando as músicas da campanha, em tom bastante expressivo. Nesse ambiente devia ecoar um grande barulho, que pode ser sentido através da audição, e uma variante de cheiros que podem ser perceptíveis pelo olfato.

Percebemos a *urbe* nesse contexto, através dos sentidos, é a cidade sensível citada por Sandra Jatahy Pesavento<sup>68</sup>, no qual passamos a observá-la não somente pelo viés da materialidade. O que é perceptível através do olfato, como cheiro de lixo, esgotos, bebidas alcoólicas, suor, dentre vários outros. E também da audição, como é o caso do uso de aparelhos sonoros reproduzindo letras de paródias, que incitam a manifestação popular, criando uma divisão ainda mais enfática entre grupos opostos, sendo caracterizada não somente no momento dos comícios, mas atravessando os percursos que configuram o dia a dia das pessoas desse município. Além do diálogo das pessoas, os gritos, os vendedores ambulantes, vendendo água,

---

<sup>68</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias*. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007.



bebidas, comidas etc. Compreende um lugar de grande importância, para pensarmos as relações ali estabelecidas.

Como é sinalizado por “Joaquim”, ocorriam diversas práticas que refletem na construção de que no espaço urbano de Alagoinha do Piauí, no decorrer da campanha eleitoral, se constituía um ambiente agradável, em que as pessoas poderiam expressar o que, e como estavam se sentindo. Até porque, aparentemente não foram medidos esforços para proporcionar diversão ao eleitorado. Essa forma de divertimento camufla os jogos de poderes construídos no decorrer do processo.

Podemos constatar através do que não foi dito, no decorrer da fala de “Joaquim”, mas que ficou perceptível na forma como se expressava, que o referido entrevistado apreciava bastante a agitação da cidade, isso porque ele referenciava os momentos sublimes vivenciados com os apoiadores e candidatos do partido que acompanhava. Isso nos dá a ideia de pertencimento, fazer parte de um grupo que mesmo com objetivos diferentes estão unidos em busca de um mesmo fim, eleger os candidatos que defendem.

Para além do embate político, a diversão também constitui papel de destaque no ambiente da cidade. O entrevistado “Raimundo”, ressalta que as pessoas “(...) ia todo domingo pra rua brincar poeirão e beber e pular e gritar, confusão... tem, por em política tem mermo (sic).”<sup>69</sup> “Brincar poeirão”, expressão utilizada pelo entrevistado, significa participar de eventos, conhecidos como poeirão, por se tratar de momentos em que eleitores e simpatizantes, reservavam para se divertir ao som das músicas de campanha, transmitidas por sons automotivos, em local e horário marcado pelos organizadores, que geralmente são colaboradores da campanha. Na fala de “Raimundo” é naturalizado as questões de embates entre os eleitores, consolidando o urbano como local de encontros e divertimento, durante o período eleitoral. O domingo que já era dia de agito na cidade, devido a “feira”, em que a população do município se desloca com o objetivo de efetuar compras, encontrar amigos dentre outras razões, se intensifica ainda mais. Os ditos poeirões, configuram nesse cenário, um aglomerado de pessoas nas ruas, praças e bares, se divertindo ao som das músicas da campanha, promovendo uma grande agitação e transformando o espaço urbano.

A rua, as praças, os bares se tornam ambientes propícios também para o eleitorado se organizar enquanto grupo e bolar táticas para vencer os adversários. Do mesmo modo são utilizados como palco de confusões e discussões entre eleitores de partidos opostos, assim como “Joaquim” explana, que as pessoas se envolviam em vários embates, sendo criado entre si

---

<sup>69</sup> Raimundo, 2019.

rivalidades “A agora os eleitores só faltavam brigar mermo (sic) (...). É porque, tem deles que faltava brigar, cada qual torcendo pra seu lado, né! Pá seu partido”<sup>70</sup>. Muitas vezes essas brigas ocorriam entre vizinhos. Quando ele fala que as pessoas “faltava brigar”, estava se referindo a agressão física, afirmando em seguida que nunca presenciou o ato em si, “rapaz, não! Briga eu não me lembro não”<sup>71</sup>.

Analisando a subjetividade da sua fala, surgem vestígios de que provavelmente ele tenha testemunhado alguma agressão, senão ouvido falar algo sobre, mas preferiu ocultar as lembranças desses episódios. De certo, que esses confrontos ocorriam com recorrência, mesmo que fosse tão somente uma contenda verbal ou até mesmo uma provocação simbólica. Tanto que essas peripécias ultrapassaram o período de campanha eleitoral. O entrevistado “Joaquim” relata um caso, vivenciado, logo após o resultado do processo que resultou na cassação do mandato do candidato eleito, Clodoaldo de Moura Rocha.

Sim, eu lembro de uma coisa depois um pouco, foi no ... era no tempo que nós tava levantando ... fazendo a casa na Alagoinha, aí nós se arranchava numa casa lá perto da casa de Matilde, encostado de lado o bar de Leta, aí (...) no dia que saiu a notícia, meu amigo, aí engancharam o fogo par riba, eu passei a noite sem dormir, o fogo troando por riba da casa, vieram parar cinco hora, na hora que eu já ia, era pra a casa<sup>72</sup>.

Este depoimento nos mostra como o espaço urbano pode ser apropriado para a manifestação de anseios individuais e coletivos. Quando o entrevistado diz “engancharam o fogo par riba” e, “o fogo troando por riba da casa”, está se referindo ao lançamento de fogos de artifícios sob as casas, para comemorar a derrota das pessoas que apoiavam o candidato que havia sido destituído do cargo, eles não somente demonstravam sua satisfação para todos os habitantes da urbe, mas também se colocavam em um lugar de poder. Aqueles que haviam saído vitoriosos com o resultado das eleições de 2008, naquele momento, experimentavam a mesma experiência sentida pelo grupo oposto que tinham sido derrotados nas urnas. Por isso, talvez a necessidade de se expressarem através dos fogos de artifícios. Não havendo lugar melhor que a *urbe*, para tal fim.

Neste contexto, verifica-se a cidade através dos escritos de Raquel Rolnik, como um mecanismo político, suplantando a definição de um local que somente habita um amontoado de pessoas, vivenciando o dia a dia de forma coletiva. A cidade se organiza em um primeiro momento, de forma que o poder é centralizado na autoridade político-administrativa, como conseguinte há um controle da população que ali reside, mesmo em se tratando de um local de

---

<sup>70</sup> Joaquim, 2019.

<sup>71</sup> Joaquim, 2019.

<sup>72</sup> Joaquim, 2019

pequena dimensão, distante dos grandes centros. Mas os moradores são participantes da vida pública, como afirma Rolnik “mesmo que em muitos casos esta participação seja apenas a submissão a regras e regulamentos”<sup>73</sup>.

A cidade para Rolnik se conceitua como tal, a partir dos aspectos políticos constituídos, sendo a atuação dos moradores na vida pública da urbe, o que os tornam cidadãos. Dessa forma, vê-se que as relações nela estabelecidas não corresponde somente a dominação da liderança política-administrativa. Todos os dias são eclodidas lutas para apropriação dos espaços urbanos e conquista de direitos, tornando se um lugar de atuação política. São nas ruas, bares, calçadas, praças, que as pessoas encontram o lugar ideal para se expressar e praticar atos políticos.

Cada encontro ocorrido na cidade, seja algo organizado com o intuito de mobilizar previamente a população, como comícios e carreatas, um simples “bate boca” na praçinha, ou um grupo de eleitores que se reúnem, por inúmeras pretensões, mas de forma mais nítida com o intuito de demonstrar a força do lado político que escolheram seguir, é sinônimo de lutas pela apropriação do espaço urbano, em que a população da cidade deixa de ser a peça de um tabuleiro que é controlada e movida por jogadores, passando a direcionar o jogo no sentido que mais se adequa aos seus interesses.

Na passeata, comício ou barricada a vontade dos cidadãos desafia o poder urbano através da apropriação simbólica do terreno público. Nestes momentos, assim como nas festas populares como o carnaval ou as festas religiosas, as muralhas invisíveis que regulam a cidade, mantendo cada coisa em seu lugar e comprimindo a multidão do dia-a-dia, se salientam pela ausência<sup>74</sup>.

Pelo método normativo, assim como consta no Art. 45 da lei orgânica de Alagoinha do Piauí-PI<sup>75</sup>, é esperado que seja aprovado e entre em vigor, leis complementares para a cidade e, no parágrafo IV encontra-se o *código de postura*. Esta Lei estabelece regras, que muitas vezes acabam sendo ignoradas no período eleitoral, para que a campanha possa fluir de maneira mais autônoma. Pretendíamos analisar esse documento, porém ao procurar na prefeitura, fomos informados por funcionários e pelo atual prefeito Jorismar José da Rocha, que o Código de Postura havia sido extraviado, por mais que pareça uma inverdade, foi o único retorno que tivemos dos responsáveis, por esse documento. Não sabemos ao certo se de fato o documento foi perdido, ou se eles utilizaram dessa justificativa, para não permitir que tivéssemos acesso

<sup>73</sup> ROLNIK, Raquel. "Civitas": a cidade política. In: *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203), p. 08.

<sup>74</sup> ROLNIK, 1995.

<sup>75</sup> ESTADO DO PIAUÍ. Lei nº 001, de 5 de abril de 1990. Lei orgânica do município. Lei Orgânica do município de Alagoinha do Piauí, Diário Oficial dos Municípios: MMMCCLIV, ano XV, p. 176-195, 17 jan. 2017. Disponível em: <http://alagoinha.pi.gov.br/>. Acesso em: 16 nov. 2019.

ao referido código de postura. Ficamos assim impossibilitados de averiguar quais regras foram violadas no decorrer da campanha, permitindo a modificação da dinâmica no espaço urbano.

A estética da cidade se modifica durante o período de campanha eleitoral. Como pudemos observar no depoimento de “Joaquim”, são adicionados bandeirolas e cartazes, pela cidade e localidades rurais, “tinha bandeira, tinha foto. É... nas paredes”<sup>76</sup>. No caso das bandeiras expostas na cidade, ficam visíveis nas imagens analisadas neste capítulo (ver Figura 2 e 3) contendo a face dos candidatos, o número e a cor da sigla.

Com isso vemos que as eleições municipais implicam modificações e atribuem significados outros, aos espaços urbanos, o que possui uma relevância plausível para a dinâmica da cidade. Dentre outros fatores percebemos os usos da urbe, como instrumento político transformando ambientes e alterando o cotidiano dos cidadãos.

### **3. “VOTAR DE GRAÇA PARA QUE, SE O CANDIDATO QUE VENCER A ELEIÇÃO NÃO FARÁ NADA PELO MUNICÍPIO?”: COMPRA DE VOTOS, TROCA DE FAVORES E CONCESSÃO DE CARGOS A ALIADOS, NAS ELEIÇÕES DE 2008**

Como vimos no capítulo anterior, em Alagoinha do Piauí, cidade que estamos pesquisando neste trabalho, existem diversas práticas, que constroem as eleições municipais, implicando em seus resultados. Perante tudo que já foi abordado, nesse capítulo, pretendemos tratar da dinâmica na troca de favores, compra de votos e concessão de cargos a aliados no decorrer do período eleitoral.

Primeiramente abordaremos acerca das possíveis compras de votos. Em seguida, falaremos sobre a dinâmica na troca de favores. Como o voto é utilizado em forma ferramenta, em troca de favores prestados. E, por fim, abordaremos acerca da concessão de cargo a aliados.

Aparentemente, a escolha do candidato, por parte do eleitorado, de Alagoinha do Piauí, parte de algumas primícias. Escolher votar de forma gratuita, para o caso de o grupo escolhido ganhar a eleição, ser beneficiado pelas benfeitorias da gestão. Porque como analisado nas entrevistas, só serão beneficiados com serviços essenciais – como, saúde, manutenção de estrada de terra que permite acesso as residências nas localidades rurais, água potável, e reservatório de água – as pessoas, que acompanharem o grupo político que vier a se eleger. O que pode se configurar como troca de favores. Ou votar somente em troca de determinada quantia e correr o risco de ficar desacreditado, ao ponto de não se beneficiar com os serviços prestados pela gestão. Isso porque como veremos na análise das fontes orais, quando o eleitor recebe dinheiro de determinado candidato, ou liderança política, é como se seus direitos

---

<sup>76</sup> Joaquim, 2019

também estivessem sendo comprados, de forma que os gestores do município não se acham mais no dever de oferecer serviços públicos de qualidade, para aqueles eleitores.

O que torna esses aspectos ainda mais interessantes é a forma como o eleitorado enxerga essas práticas. Com base nas falas dos entrevistados, que analisamos no decorrer do capítulo, é como se houvesse regras preestabelecidas, inerentes e procedentes que legitimassem essas condutas. Certamente não é toda a população do município, que tem o mesmo ponto de vista dos entrevistados. Entretanto, pela forma como exprimem seus pareceres, verifica-se que são ações um tanto quanto triviais. É um grande desafio, tentar compreender, porque as pessoas se comportam de determinadas maneiras perante relações entre o eleitorado e os partidos políticos.

Nesse sentido, Serge Berstein, indaga “que a verdadeira aposta está em compreender as motivações que levam o homem adoptar (sic) este ou aquele comportamento político”<sup>77</sup>. A explicação para a adoção, de culturas políticas, pautada em atitudes pouco nobres, mas que se sucede corriqueiramente, pode estar associada ao seguinte pressuposto,

A hipótese das investigações sobre a cultura política é que esta, uma vez adquirida pelo homem adulto, constituiria o núcleo duro que informa sobre as suas escolhas e função da visão do mundo que traduz. O estudo da cultura política, ao mesmo tempo resultante de uma série de experiências vividas e elemento determinante da acção (sic) futura, retira a sua legitimidade para a história da dupla função que reveste. É no conjunto um fenómeno individual, interiorizado pelo homem, e um fenómeno colectivo (sic), partilhado por grupos numerosos<sup>78</sup>.

### **3.1 “Para que votos sejam comprados, alguém precisa vendê-los”: compra de votos na eleição de 2008**

Certa vez, um político chegou na casa de uma senhora, pedindo voto, ela falou que naquele ano só votaria em quem lhe desse um “agrado”, “estava muito precisada”. Então os dois se dirigiram para um cômodo mais reservado e o político retirou do bolso algumas notas. Ao se cumprimentarem na saída, ele falou: – estamos acertados? Vou te mandar uns cartazes para você colocar na parede e uns santinhos com o nosso número. A senhora respondeu com sinal positivo. Essa é uma história fictícia, mas será que esse tipo de episódio é rotineiro durante campanhas eleitorais em municípios de pequeno porte do Nordeste? No capítulo anterior, foram apontadas suposições, acerca da existência de compra de votos, na eleição de 2008.

Diante de tais pressupostos iremos analisar a Ação Cautelar N° 52274-19.2009.6.18.0000. Ação essa, requerida por Pedro Otacílio de Sousa Moura, candidato derrotado nas eleições de 2008. Cujo requerido é Clodoaldo de Moura Rocha, Prefeito do

---

<sup>77</sup> BERSTEIN, 1998, p. 359

<sup>78</sup> Ibidem, p. 359 -360.

município de Alagoinha/PI eleito no mesmo ano. Processo nº 5227419 - Classe AC que resultou na cassação do mandato de Prefeito e Vice-Prefeito, sob acusação de compra de votos, assim como designado em atos.

Na mencionada decisão (fls. 13/40), a MM<sup>a</sup>. Juíza da 29<sup>a</sup> Zona Eleitoral rejeitou as preliminares arguidas e, no mérito, entendeu haver prova inconteste e conclusiva de que o requerido, ora pessoalmente, ora por intermédio de cabo eleitoral, cooptou ilicitamente votos de eleitores em troca de dinheiro, como também em troca de abstenção, violando norma contida no art. 41-A da Lei das Eleições. Dessa forma, decretou a perda dos mandatos eletivos dos impugnados Clodoaldo de Moura Rocha e Francisco Joao de Carvalho, respectivamente, prefeito e vice-prefeito, determinando o afastamento imediato do requerente do cargo de Prefeito e a posse do Presidente da Câmara Municipal até a realização de novas eleições<sup>79</sup>.

Diante do documento de cassação, podemos então, afirmar com veemência que houve compra de votos nas eleições de 2008, em Alagoinha do Piauí. Pelo menos, em se tratando de um dos lados na disputa, e segundo o que consta na Lei nº 9.504/1997<sup>80</sup>. Mas deveras, aspiramos chegar em pontos de maior relevância para esta pesquisa, as relações estabelecidas durante o decorrer do processo. Não nos referimos tão somente ao Processo de cassação, mas o transcurrir do período eleitoral até as consequências já citadas, e que ocasionou uma nova eleição em 2011. Pretendemos avaliar as entrelinhas. O afastamento dos candidatos eleitos em 2008 e a realização da eleição suplementar de 2011, podem ser considerados indícios de como se estabelecem as relações, entre o eleitorado e lideranças políticas.

Perante a Justiça Eleitoral, houve a comprovação de compra de votos e de títulos, assim como citado no trecho “cooptou ilicitamente votos de eleitores em troca de dinheiro, como também em troca de abstenção”<sup>81</sup>. Dessa forma se faz necessário analisar o que dizem os entrevistados quando indagados acerca deste tema.

Pois bem, a compra de votos é um assunto polêmico para alguns eleitores e naturalizado por outros. É o que se pode concluir, tendo em vista as falas dos entrevistados para esse estudo. Quando perguntado para “Joaquim” se houve de fato compra de votos ele hesitou em responder.

---

<sup>79</sup> BRASIL. Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Piauí. Ação Cautelar - Eleições 2008 - Prefeito e Vice-Prefeito - Aime - Captação Ilícita de Sufrágio - Procedência - Cassação de Mandato Eletivo - Afastamento Imediato - Interposição de Recurso - Pedido de Liminar - Para Conferir Efeito Suspensivo A Recurso nº 5227419. Requerido: Pedro Otacílio de Sousa Moura Requerente: Clodoaldo de Moura Rocha, Prefeito do município de Alagoinha/PI. Relator: Dr. Marcelo Carvalho Cavalcante de Oliveira. Pio IX, PI, 24 de maio de 2010. *Ação Cautelar*. Piauí: Diário de Justiça Eletrônico do Tre/P, 27 maio 2010. v. 4, n. 096, p. 1-10.

<sup>80</sup> BRASIL. Constituição (1999). Lei nº 9.840, de 28 de setembro de 1999. Altera Dispositivos Da Lei Nº 9.504, de 30 de setembro 1997, e da Lei Nº 4.737, de 15 de junho de 1965 - Código Eleitoral. *Presidência da República Casa Civil*: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 28 set. 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19840.htm#:~:text=LEI%20No%209.840%2C%20DE%2028%20DE%20SETEMBRO%20DE%201999](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19840.htm#:~:text=LEI%20No%209.840%2C%20DE%2028%20DE%20SETEMBRO%20DE%201999). Acesso em: 30 maio 2021.

<sup>81</sup> A mencionada abstenção trata-se do que popularmente se conhece como “prender os títulos”, impedindo o eleitor de votar, no dia da eleição.

Parecia estar com receio de algo, represália, talvez. Fato é que ele se limitou as seguintes palavras: “É, já vi falar. Nunca vi, porque... é, mas disse que tinha”<sup>82</sup>. A explicação de tamanho incômodo, em falar sobre esse assunto, pode estar relacionado com o fato, dele acompanhar o candidato que foi cassado sob essa acusação. Então, nada mais natural que ele tente amenizar a situação.

O que é notório é a forma como as pessoas desenvolveram maneiras, ao longo da história republicana brasileira, para participarem da política, e o ato de negociar o voto é uma delas. Afinal é o que o eleitor tem de mais poderoso em relação aos políticos, sem o voto dos populares os candidatos são impossibilitados de assumirem os cargos que almejam no Executivo. Essa negociata vem ocorrendo no Piauí, como táticas para que o eleitorado se torne ativo na política, obtendo benefícios. Para a historiadora Marylu Alves de Oliveira

(...) táticas foram sendo criadas ao longo dos anos republicanos por parte dos populares, resultando na emergência de outras formas de participação na política piauiense, como, por exemplo, o ato de barganhar voto com um ou vários candidatos, demonstrando que a população também encontrava maneiras de lidar com o espaço que lhe foi reservado<sup>83</sup>.

Ao ser indagado sobre a existência de compra de votos e as motivações da cassação, “Antônio” ressaltou: “Eu acho... que isso aí, num tinha. Se tinha a compra, mas tinha dos dois lados. Isso aí é porque sempre quando tem a força maior vence a menor. Eles era... tava mais forte no momento e aí conseguiram vencer a batalha, mas...”<sup>84</sup>. Já “Joaquim” revelou a possibilidade de ocorrer compra de votos, de ambos os lados. Porém, afirma achar injusto a cassação do mandato do prefeito eleito, Clodoaldo Rocha. É nítido que para ele comprar votos, no período eleitoral, ao mesmo tempo que é problemático, também é legítimo. Visto que, enxerga a oferta de dinheiro em troca do voto, como uma ajuda financeira aos pobres. Pelo menos quando se refere aos atos do candidato que apoia.

Eu acho que todo partido, todo candidato, todo ele tem sujeira pôr (sic) o meio, haja dinheiro pôr o meio. Aí eles tiraram o pobre de Clodoaldo. Eu sei que ele pode ter comprado algum voto, dado alguma ajuda algum pobre, né! Mas se eles também deram muito<sup>85</sup>!

Por que será que essa ajuda vem especificamente no período eleitoral? O que se revela é uma cultura política que implica em práticas naturalizadas, por boa parte do eleitorado, tendo em vista que a campanha eleitoral é considerada, por alguns, como uma maneira de se

---

<sup>82</sup> Joaquim, 2019.

<sup>83</sup> OLIVEIRA, Marylu Alves de. *DA TERRA AO CÉU: Culturas políticas e disputas entre o trabalhismo oficial e o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964)* Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2016. 532 f, p. 20

<sup>84</sup> Antônio, 2021.

<sup>85</sup> Joaquim, 2019.

beneficiar. Ao percorrer as falas dos entrevistados, percebemos esse ponto em comum. Por motivos alheios, transparecem em suas expressões e discursos, ser corriqueiro a compra de votos, e vários outros atos abordados nesse estudo, mesmo que não achem correto, continuam contribuindo para a manutenção dessas ações. Essas concepções, podem estar ligadas a interiorização de um modelo de política partidária, que veem sendo repetida, nesse local, ao longo de gerações. O que acaba gerando uma afinidade, da população, com o modo como se constrói os movimentos políticos, desse município. Podemos fazer uma correlação desses comportamentos com o que Serge Berstein ressalta acerca da Cultura Política.

A ação é variada, por vezes contraditória, e é a composição de influência diversas que acaba por dar ao homem uma cultura política, a qual é mais uma resultante do que uma mensagem unívoca. Esta adquire-se no seio do clima cultural em que mergulha cada indivíduo pela difusão de temas, de modelos, de normas, de modos de raciocínio que, com a repetição, acabam por ser interiorizados e que o tornam sensível à recepção de ideias ou à adoção (sic) de comportamentos convenientes<sup>86</sup>.

É evidente que as ações públicas que deveriam ser realizadas pelos gestores, durante o período que estão à frente da prefeitura, beneficiando as pessoas com necessidade de assistência, são sumariamente substituídas por compra de votos no decorrer da campanha eleitoral e, essas ações acabam tendo uma entonação legítima, perante a população, por costume e conveniência. Por que lutar contra algo, que poderá ofertar proventos subsequentes? É mais vantajoso compactuar com tais atos.

Diante desses apontamentos, adentramos as afirmativas do entrevistado “José”. Para ele a compra de votos é uma prática comum, não só em Alagoinha do Piauí, como em todos os municípios brasileiros. Especificamente na cidade pesquisada, ele afirma ocorrer uma grande movimentação durante a campanha, envolvendo políticos e eleitores. Fatores esses, que provavelmente terá uma influência significativa nos resultados das eleições. Assim como foi citado no início do tópico, de maneira fictícia. “José” nos apresenta de maneira exemplificada, como se dá uma possível negociação entre lideranças políticas e o eleitorado, em busca de um funesto desfecho, a conquista de votos por meio ilícito, pelo menos pelo que consta no código eleitoral Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965.

Com toda certeza. Qual o município que nunca houve compra de votos? em Alagoinha mesmo, tipo as eleições movimentam muito. Um exemplo, eu não vou citar nomes, mas o exemplo do mais recente que eu tenho, que tem pessoas que se vendem duas vezes em uma única eleição. Por exemplo: um candidato A, passa e diz: –Tu tem (sic) quantos votos? – Quatro –Você me vende por quanto? –Tanto. Entrega. Logo em seguida o partido B chega, ele diz: –Olha eles me compraram por tanto. Eles dobram o valor e compra a

---

<sup>86</sup> BERSTEIN, 1998, pag. 357.



pessoa, novamente. E naquela época também não era diferente, a compra de votos era predominante. Não somente em termo de dinheiro, mas também dar o material de uma casa. Até mesmo pessoas se vendiam, até pra botar uns aterro (sic) nas casas deles, de piçarra. Água também <sup>87</sup>.

Analisando a citação acima, nos deparamos com informações bem interessantes. Primeiramente, com base no que diz o declarante, é notório a afirmativa de que não só havia compra de votos, como não era algo isolado. Se baseando nas declarações dos entrevistados, configura algo que predominava e circulava livremente, tanto que aparentemente a população tinha conhecimento dos atos, mesmo antes da cassação. Quando o entrevistado se antecipa em dizer que não irá revelar nomes, aparenta que os exemplos explanados, tratam de acontecimentos vivenciados por ele, ou que lhe foi repassado por pessoas que vivenciaram.

A constância desses apontamentos, que revelam o quão a população tinha conhecimento da compra de votos, mesmo antes de serem comprovadas judicialmente, se fazem ainda mais firmes na fala do entrevistado “Raimundo”. Ele aponta, que no início da campanha já se falava, sobre qual candidato estava propicio a ganhar a eleição.

Já, já sim. Quando eles começaram a campanha o povo já estava na língua, a, o Clodoaldo vai ganhar a política porque ele tem dinheiro, ele compra voto mermo. Daí, e Dr. Pedro não tem coragem de gastar, e daí ficou aquela conversa e no fim, foi no que deu mermo<sup>88</sup>.

Nesse sentido, os rumores acerca de qual candidato teria maior chance de vencer as eleições de 2008, se baseava em quem estaria disposto a gastar mais dinheiro. Quando o político oferece resistência em barganhar, suas atitudes são vistas como fraqueza, sendo considerados sujeitos mesquinhos. Não estar à disposição para aceitar as propostas do eleitorado, nas negociações referente a conquista de votos, e não ter opções vantajosas para ofertar é uma característica negativa para o candidato em disputa. Dificilmente seja verídico, que Dr. Pedro, não tenha barganhado votos, já que algumas, das fontes orais apresentadas neste trabalho, afirmam que se houve compra de votos, ocorrera por ambos os lados. Talvez os eleitores tenham observado uma generosidade superior, por parte do grupo do PT, na distribuição das benesses.

O que se sabe a respeito da suposta concorrência, para definir, quem estava mais suscetível a “soltar dinheiro”<sup>89</sup>, é baseado na fala de dois dos entrevistados, no qual foi relatado por “Raimundo”, que houve boatos sobre a esposa de Pedro Otacílio, está circulando com uma grande quantidade de cédulas no interior de uma bolsa, cujo objetivo era comprar votos e definir a eleição. Mas após o partido reunir uma multidão, em um comício, numa sexta-feira à noite,

---

<sup>87</sup> José, 2021.

<sup>88</sup> Raimundo, 2019.

<sup>89</sup> Utilizando uma expressão popular, para indicar a liberação de dinheiro.

próximo ao dia da eleição, consideraram que já estariam ganhos, não sendo necessário utilizar o dinheiro para essa finalidade. Porém, devido a esse mesmo comício, o grupo de oposição percebeu que corriam o risco de perder a eleição e logo trataram de reverter a situação. Supostamente eles estariam empatados tecnicamente. Com o sobressalto causado pelo volume de pessoas, reunidas nesse evento partidário, o grupo de Clodoaldo teria se deslocado com sua equipe pelo município e comprado os duzentos votos que definiram a eleição.

Se os acontecimentos se deram exatamente dessa forma, não temos como afirmar de certeza, mas segundo o Tribunal Superior Eleitoral (TSE)<sup>90</sup> o prefeito eleito Clodoaldo de Moura Rocha, obteve, 2.619 votos, enquanto o não eleito, Pedro Otacílio De Sousa Moura ficou com 2.457, o que confere uma diferença exata de 162 votos. Aproximadamente o número de votos, que supostamente teriam sido comprados, pelo candidato Clodoaldo. Assim como apontado por “Raimundo”. Em relação a esse mesmo assunto, o não eleitor “José” declara que após o término do comício, quando os eleitores já se encontravam em suas casas, começaram a ser visitados pelos políticos adversários. Tudo isso aconteceu na madrugada de sexta para sábado, nas vésperas da eleição. Ele ainda cita estratégias que foram utilizadas, para antecipar o fim do evento. Um sequestro ou roubo, em que a vítima foi o candidato a vice, da chapa do PSD, realizadores do comício.

Acontecendo isso, foi quando as pessoas foram pra casa e aí foi quando começaram a comprar os votos, tanto é, que eles conseguiram virar essa política, se eu não me engano, foi em um dia. Tanto é que o que ganhou, né? O povo até falava que eles andavam no do seu partido, dizendo: O pode apostar que eu vou com tantos títulos aqui na minha mão. Aí foi o tal motivo que houve a cassação, naquela época. Por conta de compra de votos<sup>91</sup>.

Esse fragmento, revela mais uma face da cultura política partidária de barganhar votos. Pagar pelo voto não oferece garantia de que o eleitor vai de fato cumprir o prometido, então para não terem dúvidas eles apreendiam os títulos, documento obrigatório no ato da votação. Nesse caso, não angariavam mais votos para o seu lado, tiravam os já conquistados pelo candidato adversário. O que gerou um número expressivo de abstenções. Segundo registro do TSE, 659<sup>92</sup> pessoas aptas a votar não compareceram às urnas, no dia da eleição.

Tendo em vista as questões que já foram abordadas, pode se afirmar com segurança, que vence, quem distribui a maior quantidade de dinheiro? Se levar em consideração o resultado da eleição, poderíamos responder, sim, afinal o candidato Clodoaldo, que foi apontado como

---

<sup>90</sup> BRASÍLIA. TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. *Estatísticas TCE: eleições 2008*. Eleições 2008. 2008. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwtse/f?p=150:5:::NO:RP::>. Acesso em: 01 jun. 2021

<sup>91</sup> José, 2021.

<sup>92</sup> Disponível em: <file:///C:/Users/anage/Documents/Quadro%20de%20Comparecimento.html>. Acesso em: 05 de jun. 2021.

aquele que teria chance superior de sair vitorioso, por está inclinado a “abrir a carteira”, venceu a acirrada disputa. Mas acredita-se, que vários outros fatores contribuem para o desfecho dessas disputas partidárias.

De certo modo é perceptível um jogo de poderes, envolvendo, relações arriscadas. Como garantir, que o eleitor, ao vender seu voto, irar de fato votar no candidato prometido, principalmente em se tratando daqueles em que a vazão foi firmada mediante mais de um negociante? É com base nessas inquietações, que “Antônio” acredita não ser possível comprar o voto de alguém, por não acreditar na possibilidade de forçar as pessoas a fazerem algo que elas não queiram. O ato de receber dinheiro de ambos os lados em disputa, mostra que o seu ponto de vista não é errôneo. A “doação” financeira, existe, mas não necessariamente é a principal responsável por colocar indivíduos, a frente, do poder executivo de um município. Como escrito por Hannah Arendt, “o poder do governo depende de números”<sup>93</sup>, ou seja, de nada vale a distribuição de recursos se o eleitorado não tiver o intuito de eleger aquele candidato, não jazer ao seu lado.

Em relação àqueles eleitores mencionados anteriormente, pelo não eleitor “José”, que recebem montante de todas as lideranças que vos oferecem, em que ele declara que ficam desacreditados, “aí normalmente o que acontece é que a pessoa fica desacreditada”<sup>94</sup>, e uma vez que a confiança é perdida e não se tem mais a certeza de em quem irão votar. Aparentemente isso poderá dificultar bastante a vida desses cidadãos, em tempos vindouros. Então, se faz necessário avaliar se vale apenas correr tamanho risco por algumas notas. Tais questionamentos foram colocados em pauta, não porque pretendemos normatizar essas práticas, mas porque segundo o entrevistado “José”

(...) normalmente o que acontece é que a pessoa fica desacreditada, por exemplo, tu se vendeu (sic) para dois, nenhum dos dois candidatos vai acreditar que você realmente votou nele. E quando você for em busca de alguma coisa, vai dizer: – Eu te comprei, teu voto, tu não tem (sic) direito de me pedir nada, de propor nada<sup>95</sup>.

Vale ressaltar que é praticamente impossível, ter a certeza, do candidato que cada eleitor irá votar, a não ser que haja fraude e ele seja acompanhado por alguém até a urna, o que configuraria “voto de cabresto”. Nesse caso, automaticamente poderíamos proferir que, todos aqueles, que aceitam algo em troca do seu voto, seriam antiéticos e merecedores de uma punição. Ou seria precipitado tal afirmativa? Afinal, caso o político tenha algo que seja benéfico para lhe oferecer, de imediato, o que motivaria sua recusa? Que tal o fato desse benefício ser

<sup>93</sup>ARENDR, Hanna. Sobre a violência. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 58.

<sup>94</sup> José, 2021.

<sup>95</sup> José, 2021.

ilícito e você passar a ser um contribuinte da corrupção, que assola o Brasil. Mas quem comete o crime não é quem compra os votos?

Essa é uma pergunta, cuja resposta, pode explicar a maneira como a entrevistada “Luiza” se comportou, diante do questionamento acerca de compra de votos. Quando indagada sobre recordar dessas ações, ela retrucou, “não. Nam, essas coisas aí, num, num lembra não”<sup>96</sup>. Isso porque, na verdade, segundo o Art. 299. do Código Eleitoral - Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965<sup>97</sup>. “Dar, oferecer, prometer, solicitar ou receber, para si ou para outrem, dinheiro, dádiva, ou qualquer outra vantagem, para obter ou dar voto e para conseguir ou prometer abstenção, ainda que a oferta não seja aceita” cabe pena de “reclusão de quatro anos e pagamento de 5 a 15 dias-multa”.

Poderíamos simplesmente considerar, que a entrevistada realmente não recordava, mas aí não estaríamos fazendo uma investigação no campo da história. O não revelar, pode nos dizer muitas coisas. Explicitamente essa pergunta gerou um desconforto, revelado pelo silêncio e em seguida por meio de risadas desconfiadas. A cabeça direcionada para baixo e por alguns instantes os olhares de lado, em busca de apoio, podem confirmar que em algum momento ela soube dessas práticas, mesmo que de forma indireta. Nos arriscamos em falar que o contato que ela teve com essas informações, provavelmente não se deram somente perante os motivos da cassação. A família do seu esposo, tem ligação direta com o grupo, que tinha Clodoaldo como candidato. Inclusive, ela revela que seu sogro foi um dos fundadores desse grupo político. A relação é tão próxima que o seu esposo vai em busca de angariar votos, junto do candidato que vota. “Trabalha. Ele na época da campanha, trabalha. Vai pedir voto mais o candidato dele, mais o vereador”<sup>98</sup>. Talvez a ausência de memória, seja correlata com o fato de membros da própria família, realizarem essas atividades. Mas não podemos chegar a essa conclusão, de maneira definitiva, várias outras motivações podem estar atreladas.

Mesmo não pretendendo se comprometer, “Luiza” expôs, em resposta a outra indagação, relacionada as mudanças na vida econômica da população, que certas pessoas vendem o voto. Primeiramente ela afirma que as melhorias na condição financeira das pessoas durante esse período, não tem a ver especificamente com as eleições, mas sim por se tratar da temporada de safra, do produto agrícola caju. Logo na sequência, admite, que alguns só votam

---

<sup>96</sup> Luiza, 2021.

<sup>97</sup> BRASIL. Constituição (1965). Código Eleitoral nº 4.737, de 15 de julho de 1995. Este código contém normas destinadas a assegurar a organização e o exercício de direitos políticos precipuamente os de votar e ser votado. *Código Eleitoral*: Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965. Brasília, DF, 15 jul. 1965. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/codigo-eleitoral-1/codigo-eleitoral-lei-nb0-4.737-de-15-de-julho-de-1965>. Acesso em: 30 maio 2021.

<sup>98</sup> Luiza, 2021.

por dinheiro. Mas não pode dizer com certeza, por não ser o seu caso. Assim foram suas palavras:

Não, era não. Sobre isso aí de eleição eu não sei, por causa que eu nunca. Faz que nem um dizer do pessoal, uns diz – eu só voto por dinheiro. Eu nunca votei por dinheiro, graças a Deus. Eu votava porque, eu voto porque nós gosta (sic). É mermo um dia quando a gente precisar, no caso de uma doença a gente ter com quem falar, porque hoje em dia a gente precisa de muitas pessoas, assim, de uma autoridade, né, para falar. Porque as vez (sic) a pessoa tem o dinheiro e não consegue. Só por uma amizade, por uma palavra as vez (sic) consegue<sup>99</sup>.

Receber determinada quantia em troca do seu voto e correr o risco de ser completamente prejudicado, durante o mandato dos candidatos eleitos, mesmo que seja aquele para o qual cedeu seu voto. Já que, segundo o entrevistado “José”, “se alguém vender voto, tá lascado. Porque eles não vão fazer nada por ti. E você também não vai poder cobrar”<sup>100</sup>. Contudo, nota-se que se isso de fato ocorre, não somente o voto é vendido, mas também os direitos básicos de cidadão, daquele município.

É incontestável que todo cidadão brasileiro, mesmo os moradores de Alagoinha do Piauí, deveriam ter seus direitos de acesso aos serviços básicos, assegurados. Porém, é notório a existência de preceitos que ultrapassam essas regras comuns. Essa é parte de uma cultura política, desse local, que é interiorizada individualmente e segue sendo partilhada coletivamente, mesmo entre grupos opostos, em disputa nas eleições municipais. Os gestores eleitos deveriam governar para todos os habitantes do município, mas assim como explicitado pelo não eleitor “José”, “em Alagoinha é muito partidário, você foi de um partido e seu partido ganhou você vai ter atendimento vip. Você foi de outro partido, você vai ser desprezado e sabe lá Deus, quando é que você vai ser atendido”<sup>101</sup>. Nesse caso ele se refere ao sistema de saúde.

Como citado no fragmento acima, em que a entrevistada “Luiza”, apresenta, a importância de ser aliado a pessoas influentes para ter acesso a determinadas comodidades, e tendo em vista, que esses aliados são adquiridos através do poder que compreende o voto. E levando em consideração o que exemplifica “José”, sobre como as pessoas são tratadas, se referindo ao sistema de saúde, mas que também pode se aplicar a outros campos. Analisaremos no tópico seguinte, a dinâmica na troca de favores e também a concessão de cargos a aliados.

---

<sup>99</sup> Luiza, 2021.

<sup>100</sup> José, 2021.

<sup>101</sup> José, 2021.

### 3.2 “Voto no candidato, que chegar quando eu precisar”: troca de favores e concessão de cargos a aliados

Os programas relacionados a saúde, têm grande destaque no município de Alagoinha do Piauí. A eleição municipal de 2008 foi disputada entre dois médicos. Nas fontes orais analisadas, nos deparamos como sendo uma das principais motivações de voto, as vantagens que teriam na área da saúde, caso o seu candidato vença. O que não deixa de ser um pouco contraditório. Por que optar por um candidato específico, se baseando nos benefícios que sua profissão traria, se ambos compartilham do mesmo atributo? Nesse caso, o que poderá definir tal escolha é o requisito de ser mais conhecido. “Mas aí ia pelo mais conhecido”<sup>102</sup>, aquele na qual se tem mais proximidade e afinidade.

Tendo em vista, que a área da saúde é um elemento deveras importante, para tecer o ciclo de relações, desenvolvidas entre políticos e eleitores, adentraremos em mais uma prática comum, no ambiente, tanto político, como político partidário, do município de Alagoinha do Piauí, a troca de favores. Talvez esse seja o fator elementar, que gera o interesse participativo da população, de forma direta, no processo eleitoral municipal. Afinal, surge desde a expansão imperialista um preconceito contra a política, devido seus pontos negativos. Quem nunca ouviu as frases “não gosto de política”, “não me meto com política”. As pessoas reproduzem esses discursos, sem ao menos perceberem, que isso diz muito, sobre como não conseguimos nos mover politicamente. O preconceito com a política, representa em si, um ato político. Como expressado por Hannah Arendt, é algo que faz parte da vida humana. Mesmo que tentemos fugir, somos apanhados pelo sopro do vento.

Ao se falar de política, em nosso tempo, é preciso começar pelos preconceitos que todos nós temos contra a política — quando não somos políticos profissionais. Pois os preconceitos que compartilhamos uns com os outros, naturais para nós, que podemos lançar-nos mutuamente em conversa sem termos primeiro de explicá-los em detalhes, representam em si algo político no sentido mais amplo da palavra — ou seja, algo a se constituir num componente integral da questão humana, em cuja órbita nos movemos a cada dia<sup>103</sup>.

Principalmente nas cidades interioranas, se faz necessário se aliar a pessoas que possuem poder de influência, para quando precisar de algo de difícil acesso, devido a sua situação social, ter quem te auxilie, de modo a facilitar a realização de tratamentos de saúde, por exemplo.

---

<sup>102</sup> José, 2021.

<sup>103</sup> ARENDT, 2002, pag. 10.

Comete uma falha quem pensa que os benefícios, nesse âmbito, se estendem a toda a população do município. Pelo que consta nas fontes analisadas, apenas aqueles que votaram no grupo vencedor, poderia desfrutar de “regalias”. Se o lado que determinado eleitor votou, sair derrotado, segundo a entrevistada “Luiza”, citando o seu próprio exemplo, dificilmente conseguiria alguma assistência.

Não. De jeito nenhum. A saúde era pra ser pra todo mundo. Não... (gaguejou) tem deles que não é não. Na época de Doutor Pedro mermo, não era não. De doutor Pedro pra nós não era não. Não sei pros outros. Porque pra nós tudo no mundo que nós íamos fazer, era particular. Assim, só se fosse lá dento de Alagoinha, mermo, consultava as vezes com os doutor (sic), mas pra ir pra Picos tudo no mundo de nós era particular. Que nós... eles não davam. Pra ir marcar um exame em Alagoinhas, na secretaria, eles num... nunca marcou. Eu faço... um tempo eu fui deixar uma requisição minha, lá, eles nunca marcaram meu exame<sup>104</sup>.

Em detrimento da falta de estrutura, por ser um município de pequeno porte, a maioria dos atendimentos médicos são realizados na cidade de Picos (PI), por isso é citado a falta de atendimento gratuito, nessa localidade, tendo que recorrer ao sistema privado. A troca de favores é um elemento significativo para o desfecho das eleições. A circunstância descrita acima, traz à tona, pontos de vista antagônicos. No momento que ocorre a mudança do grupo político no poder, as experiências se invertem.

No trecho da entrevista, citado anteriormente, é retratada uma situação, vivenciada, após a vitória do candidato adversário ao grupo que ela acompanha, que provavelmente trata-se do mandato pós eleição suplementar de 2011. Mas em 2008 quando Clodoaldo venceu, ela pôde usufruir das benesses, disponibilizadas para os aliados do grupo político do então prefeito em exercício, naquele momento. Como ela mesmo afirmou, após Clodoaldo Rocha ganhar, “quando nós precisávamos de uma consulta, dum exame, aí nós fazíamos de graça lá em Picos”<sup>105</sup>. Mas enquanto sua família estava sendo favorecida, aqueles que votaram no lado oposto, possivelmente estavam experienciando o descaso que ela sofreu posteriormente, e que foi relatada na entrevista. O não eleitor “José” cita que durante os três anos que sucedera a eleição de 2008 e antecedeu a suplementar de 2011, a prefeitura não procedeu reparo nos trechos de estradas de chão que dão acesso a sua casa, comprometendo o deslocamento dos moradores daquela área.

Já isso de estrada eles fazem um pouco de política. Quando não é na linha, vamos dizer assim a estrada que não é a principal. Como é que chama? Aqueles ganchinhos que eles puxa (sic) pra um lugar, tipo entrando lá pra minha casa. (...) tanto é, que na época que ele ganhou, lá onde eu moro, tu

---

<sup>104</sup> Luiza, 2021.

<sup>105</sup> Luiza, 2021.

sabes. Passou os três anos sem ter sido feito nenhuma vez, por conta que todos ali era do outro lado<sup>106</sup>.

Nas localidades rurais, local em que os entrevistados residem, para ter acesso a suas residências são necessários a abertura de estradas de chão. No período chuvoso essas estradas são danificadas pela ação da água, são abertas muitas crateras e a areia é empurrada até as estradas, gerando um amontoado, tornando a passagem de transportes terrestres muito difícil, sendo necessário a manutenção, através de maquinários da prefeitura. Manutenção essa, que não ocorre caso a estrada der acesso a casas de eleitores que não votaram no candidato eleito.

Nesse contexto é observado um interesse particular, nas disputas eleitorais. Fica nítido a não atribuição de importância as necessidades coletivas. A troca de favores, assim como a compra de votos é uma disposição comum para os habitantes da cidade. Mesmo tendo consciência que os serviços de saúde deveriam ser para todos, “Luiza” intervém especificamente a favor dos seus, sem que haja uma preocupação maior com o geral. E mesmo estando em 2021, com uma gestão municipal que lhe favorece, ainda tem receio de falar sobre mandatos anteriores, como se buscar por seus direitos, não constituísse um procedimento viável. Mais uma vez, as regras invisíveis que pairam sobre a população de Alagoinha do Piauí são normatizadas.

Com isso, fica perceptível o quanto as trocas de favores configuram um lugar de imponência nas relações estabelecidas nesse âmbito. Quando questionados sobre o que levou os entrevistados a acompanhar determinado grupo, após as respostas relacionadas a tradição familiar, veio a disposição em ter seu trajeto facilitado e, para isso, é necessário eleger o político que apoia. Ao analisarmos relações políticas, percebemos que mesmo diante de interesses individualistas é necessário que haja trocas com o outro, para o alcance das vantagens pretendidas. Hannah Arendt em *O que é política?* descreve acerca do sentido da política nos seguintes termos:

A política, assim aprendemos, é algo como uma necessidade imperiosa para a vida humana e, na verdade, tanto para a vida do indivíduo como da sociedade. Como o homem não é autárquico, porém depende de outros em sua existência, precisa haver um provimento da vida relativo a todos, sem o qual não seria possível justamente o convívio. Tarefa e objetivo da política é a garantia da vida no sentido mais amplo<sup>107</sup>.

Se a política concerne do convívio entre diferentes como designado por Arendt, fica evidente, que mesmo discordando de alguns aspectos, referentes a forma de governar dos gestores, os entrevistados veem a necessidade de se aliar a eles, pensando nos proveitos que

---

<sup>106</sup> José, 2021.

<sup>107</sup> ARENDT, 2002, pag. 17.



essas alianças propiciariam. Incluso nessas prerrogativas, está a dinâmica em trocar favores. Quando perguntado se era beneficiado de alguma forma, para acompanhar determinado grupo político, “Raimundo” respondeu:

Não! As vezes tem benefício, as vezes a pessoa arruma uma cisterna, pessoa arruma uma carrada d’água, pessoa é ajudado com qualquer outra coisa, né. Faz uma estrada, pra casa da pessoa, assim é os benefícios de Alagoinhas. É uma viagem dum carro, são os benefícios que a política traz de Alagoinha, que faz a pessoa votar, no partido<sup>108</sup>.

Diante das informações no trecho acima, verifica-se mais uma vez, o interesse individual do eleitor, no momento de escolher em qual candidato votar. Apesar de ele afirmar anteriormente na entrevista, que seu voto tem relação com uma tradição familiar, admite que usufruir de certas benesses, influencia na decisão, de qual grupo político acompanhar.

Como é perceptível, esses favores, podem tratar-se tanto de algo que seja necessário a intervenção de políticos, uma palavra decisória, como em casos de questões envolvendo problemas de saúde. Quanto em pequenos assuntos, envolvendo as necessidades do dia a dia. Ter acesso a água potável e adquirir um reservatório para seu armazenamento, deveria ser um direito fundamental. Mas nesse caso é feito politicagem, ou seja, só tem direito a esse serviço gratuito, de maneira facilitada se você votar em determinados candidatos.

Não somente se faz necessário, votar no candidato que quer ver vitorioso, mas buscar meios para alcançar essa vitória. Porque quando ele diz que “são os benefícios que a política traz”, está se referindo ao fator determinante, manter o seu lado político no Poder Executivo do município, para que continue sendo beneficiado e manter uma relação muito próxima das lideranças, porque segundo ele “aqui tem aquele negócio, quem não vota não ser beneficiado. Eles só chega (sic) mais ao lado deles, né! daquelas pessoa mais ligada a eles... puxa mais pra o lado deles, assim, do pessoal deles”<sup>109</sup>.

Já “Joaquim” não deixa dúvidas que o motivo pelo qual acompanha o partido de Clodoaldo é por sentir que deve favores a ele, devido a tratamentos de saúde para ele e sua esposa, que foi facilitado pelo líder político. Provavelmente em troca de apoio. Na teoria, esses serviços deveriam ser oferecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), sem que houvesse nenhuma cobrança de favor. Porém, é observado um sistema de trocas, em que no momento da eleição é lembrado aquilo que foi feito em seu benefício.

Rapaz, sim! Que nem Clodoaldo. É porque as vez (sic) a gente deve favor a ele, foi quem já fez, já fez cirurgia em... [sua esposa], neu, (sic) a mulher dele.

---

<sup>108</sup> Raimundo, 2019.

<sup>109</sup> Raimundo, 2019.

Quase não gastei, quase nada, que... ali se fosse fazer particular era um preço que era caro, viu! Graças a Deus ele fez, sem arrente (sic) gastar quase nada<sup>110</sup>.

A troca de favores que é evidenciada nesse trecho da entrevista de “Joaquim”, estabelece uma espécie de contrato, entre aquele que oferece o benefício e o que recebe. Se os serviços de médico, do candidato Clodoaldo de Moura Rocha, foram doados de forma tão “genuína”, nada mais justo que haja uma retribuição por parte do beneficiário, nesse caso através do voto.

As discussões empreendidas nesse estudo, acerca das trocas de favores, nos remetem ao que expõe Ângela de Castro Gomes sobre o Estado Novo, no seu livro *A invenção do trabalhismo*. Naquele contexto o presidente Vargas agia com generosidade, fazendo doações criando leis trabalhistas que beneficiava os trabalhadores, cumprindo o seu papel de estadista. Mas como tudo que é doado precisa ser recebido, é necessário que se torne uma obrigatoriedade aceitar aquilo que lhes é ofertado de forma generosa. No momento em que se recebe uma dádiva, cria-se um elo com o doador, o que gera um sentimento de dívida, que pode ser paga com a retribuição. Assim é exposto por Gomes:

Essa questão é fundamental, pois a outorga, quando pressupõe o dar e o receber, pressupõe também o termo que fecha e dá o real sentido ao círculo: o retribuir. Quem dá cria sempre uma relação de ascendência sobre o beneficiário, não só porque dá, mas principalmente porque espera o retorno. Esta expectativa não se esgota em uma possibilidade; ela é um sagrado dever. Quem recebe cria certo tipo de vínculo, de compromisso, que desemboca naturalmente no ato de retribuir. A não retribuição significa romper com a fonte de doação de forma inquestionável<sup>111</sup>.

No caso do governo Vargas, a generosidade do estadista poderia ser uma estratégia para manter a população ao seu lado. Ele cumpria com o dever do Estado e de quebra era apoiado pelos populares, que os viam como uma figura generosa e boa, alcançando assim o seu objetivo de se manter no poder. No caso em estudo, em se tratando dos políticos da cidade piauiense, Alagoinha do Piauí, esses benefícios cedidos provavelmente têm objetivos semelhantes. Gera-se uma espécie de contrato invisível. Os políticos dão aos eleitores aquilo que estão precisando em determinado momento e, como recompensa, são agraciados pelo voto. Isso, muitas vezes ocorre, sem que seja acordado de forma verbal. O compromisso é estabelecido e a melhor forma de retribuir é através do voto. Porque como é destacado por Gomes:

A força da coisa dada está em produzir em quem recebe a consciência de uma obrigação de retribuir como um dever político de natureza ética. Trata-se evidentemente de uma relação contratual, mas que ao se fazer sob a forma de troca de presentes, ganha um sentido distinto que é preciso destacar<sup>112</sup>.

---

<sup>110</sup> Joaquim, 2019.

<sup>111</sup> GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. – 3. Edição. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005, p. 228.

<sup>112</sup> *Ibidem*, p. 228.

Na eleição de 2008, disputada por dois médicos, foi desenvolvido uma estíma da população, pelas figuras dos candidatos a Prefeito. Que teve correlação com o papel que eles desempenhavam em suas profissões, visando as vantagens que teriam na área da saúde. Como ressalta, o não eleitor “José”, “Por conta de troca de favores em relação a adoecer eu vou ter um médico”<sup>113</sup>. Essa foi, uma das motivações para a escolha de voto, de muitos eleitores e pela qual gerou a tão acirrada disputa. Pagar um tratamento de saúde, particular, para pessoas que são Trabalhadores Rurais, como é o caso do entrevistado “Joaquim”, pesa bastante no orçamento. O SUS já é bastante burocrático, e no caso da cidade em estudo, em que se negocia até os serviços mais básicos, estabelecer uma aliança com alguém que pode realizar os procedimentos gratuitamente e com rapidez, “apenas em troca de votos” é bastante tentador, para não se dizer, irrecusável.

Além da troca de favores, ainda era do interesse de muitos eleitores a concessão de cargos. Não tivemos acesso a fontes que revelassem o ganho de cargos mais elevados, por optarmos em entrevistar eleitores comuns. Mas dois dos entrevistados, revelaram receber empregos, por apoiar determinados candidatos. O não eleitor “José”, afirma que seu pai e seu tio, trabalhavam em um poço artesiano. Eram os responsáveis pelo poço e a distribuição de água para a comunidade. “Eu me lembro que na época o meu tio e o meu pai trabalhavam, como é que fala? No poço. Tipo botando água pro povo, vai lá ligar o poço, aí vinha. Sempre era eles”<sup>114</sup>. Isso no mandato que antecedeu as eleições de 2008. O que provavelmente seja mais uma das razões, pela qual, sua família continuava apoiando o grupo situacionista, a pretensão em manter os cargos, que ocupavam.

Mas após a derrota de Pedro Otacílio, os papéis se inverteram. A família de “José”, não tinha mais uma ocupação na folha de pagamento da prefeitura. Foi a vez do “Antônio” entrar em cena. Desde que começou a votar em Alagoinha do Piauí, ele nunca tinha “sentido o gosto da vitória”. Mas após Clodoaldo Rocha vencer a eleição, ele passou a se beneficiar de uma quantia financeira, fornecida pela prefeitura. O cargo que ocupava, se é que existia algum, é um mistério. Para nós, ele falou somente, “depois que ele ganhou, ele me pagava uma porcentagem pouca”<sup>115</sup>. O que aparentemente poderia se tratar de um “funcionário fantasma”<sup>116</sup>. Prática bastante exercitada no Brasil.

---

<sup>113</sup> José, 2021.

<sup>114</sup> José, 2021.

<sup>115</sup> Antônio, 2021.

<sup>116</sup> Pessoa nomeada para algum cargo público, mas que não exerce a função atribuída. Recebe salário sem trabalhar.

Se se tratava ou não dessa prática, o fato é que ele passou a ser beneficiado financeiramente, compensando todas as eleições que seu partido saiu derrotado. Para ele, se tratava de uma recompensa natural. Provavelmente muitos outros eleitores tiraram proveito, em benefício próprio, ocupando funções por influência política partidária. “Antônio” deixa bem claro, que a tal da porcentagem que recebia era responsável por sua subsistência. Tanto que a cassação do mandato de Clodoaldo Rocha, foi recebido por ele com muita tristeza. Vale lembrar que o então prefeito Clodoaldo Rocha perdeu seus direitos políticos, devido a compra de votos. Mas para “Antônio”, isso não parecia relevante. O que ele lamentou bastante foi a perda dos privilégios, e a saída do prefeito por quem ele nutria um grande apreço.

Nós estávamos na maior felicidade recebendo nossos pagamentos direitinho, aí veio este homem e cassou nosso mandato. Aí nós acabamos toda felicidade, que a felicidade do pobre é quando está recebendo o dinheiro, né. Nós todo mês tinha o dinheiro da feira, aí quando perdeu, perdeu tudo. Perdeu ele e perdeu nós, cadê o dinheiro de fazer a feira! Aí não tinha pra onde correr, fiquemos aqui, apelando pra ver se chegava outro. Aí veio cinco anos de sofrimento, porque eles... foi um que eles cassaram e quatro que Doutor Pedro comandou<sup>117</sup>.

Esse trecho foi proferido de uma maneira bem descontraída, acompanhado de risadas. Como se ele quisesse falar que estavam acostumados com as “regalias” e depois tiveram de se conformar, e ir em busca de outros meios para garantir o sustento da família. E depois, ainda destacou que passou cinco anos sofrendo, o que podemos relacionar com o que já foi ressaltado anteriormente. Só são beneficiados aqueles cujo voto for registrado no candidato que sair vitorioso. Esse aspecto é ressaltado por “Antônio” ao afirmar que “naquela época, Clodoaldo dava um empreguinho, uma micharia a cada um, cada um tinha seu movimento de dinheiro. Dava para chegar num comércio, fazer uma feira. E do jeito que foi a de Doutor Pedro (...)”<sup>118</sup>. Na verdade, tudo indica que não eram beneficiados aqueles que não votaram em Pedro Otacílio na eleição suplementar de 2011. Por isso ele sentiu tanto o impacto da cassação do prefeito eleito Clodoaldo, e da derrota do seu grupo político, em 2011.

#### **4. “QUEM GANHA NEM SEMPRE É O VENCEDOR”: RELAÇÕES DE PODER E O EMPREGO DA VIOLÊNCIA**

As eleições municipais de 2008 e 2011, em Alagoinha do Piauí foram imbuídas de significados, as práticas da população em frequentar os eventos de campanha e a forma como se estabelece o contato entre os candidatos e o eleitorado, configura relações de poder estabelecidas entre eles, e dos políticos entre si. Com isso, neste capítulo é pretendido analisar

---

<sup>117</sup> Antônio, 2021.

<sup>118</sup> Antônio, 2021.

essas relações de poder, tendo em vista os artifícios utilizados pelos políticos partidários para alcançar o cargo maior do Poder Executivo municipal e para se manter no mesmo. Contudo, será averiguado se foi utilizado de violência para atingir tais objetivos.

Para encontrar as respostas buscadas, iremos percorrer a campanha eleitoral das eleições de 2008, em que o candidato Clodoaldo de Moura Rocha saiu vitorioso, adentrando nos anos de mandato da gestão eleita, que foi cassada sobre a denúncia de compra de votos, até chegar as eleições suplementares de 2011, com a vitória de Pedro Otacílio de Sousa Moura. Percebendo as relações de poder que se tecem no transcorrer dos acontecimentos, ocorridos nesse período.

O poder exercido por políticos, muitas vezes é confundido com violência, por parecer que sempre quando alguém exerce poder sobre o outro, se faz de forma imposta, forçada. Porém, esses termos possuem conceitos distintos. Segundo o *Dicionário de política*, a definição de violência em si, é “a intervenção física de um indivíduo ou grupo contra outro indivíduo ou grupo (ou também contra si mesmo)<sup>119</sup>. Podendo ser manifestada de forma direta e indireta. “É direta quando atinge de maneira imediata o corpo de quem a sofre. É indireta quando opera através de uma alteração do ambiente físico no qual a vítima se encontra (...)”<sup>120</sup>, em ambos os casos, ocorre uma alteração negativa “do estado físico do indivíduo ou do grupo que é o alvo da ação violenta”<sup>121</sup>. Ou seja, para que haja violência no sentido literal do termo, seria necessário o uso de agressão física, ou atingir o meio em que se encontra o alvo da agressão, por exemplo, destruir algo necessário para a sobrevivência do indivíduo agredido.

O poder, quando se refere ao sentido social, estando ligado às ações do homem, “pode ir desde a capacidade geral de agir, até à capacidade do homem em determinar o comportamento do homem: Poder do homem sobre o homem”<sup>122</sup>, ou seja, seria a capacidade em dar ordens aos indivíduos que estão sujeitos a esse poder. Mas para que essas ordens sejam atendidas se faz necessário um diálogo, que convença o indivíduo a cumprir aquela ordem.

O poder não se estabelece de forma imposta, é preciso que “a modificação da conduta do indivíduo ou grupo, [seja] dotada de um mínimo de vontade própria”<sup>123</sup>, criando assim as relações de poderes, pois no caso em estudo, se o candidato pretende se eleger prefeito é necessário obter os votos do eleitorado e vencer os adversários políticos. Contudo, em meio a essas relações de poder, pode estar inserido o poder coercitivo que tem como uma das marcas, a ameaça ao estado físico do indivíduo. Na qual, as punições para tais ameaças se trata de

---

<sup>119</sup> BOBBIO, 1998, p. 1291.

<sup>120</sup> Ibidem, p. 1291.

<sup>121</sup> Ibidem, p. 1292.

<sup>122</sup> Ibidem, p. 933.

<sup>123</sup> Ibidem, p. 1292.

atividades de violência. Então, nesse caso, a violência pode ser utilizada como instrumento de poder. Entretanto, a violência só é praticada quando o poder sobre o outro não surte efeito.

Além da violência física, o poder coercitivo também pode ser desenvolvido, sem o uso da força. É quando os prejuízos causados, aquele que não aceita a coerção, estão ligadas a outras necessidades imperiosas ao indivíduo, como, “por exemplo, um prejuízo econômico, a retirada do afeto de uma pessoa amada, a destituição de um cargo”<sup>124</sup>, a dificuldade de mobilidade, pela falta de manutenção de uma estrada, a falta de atendimento médico, e acesso a água potável, de forma gratuita. O seu estado físico não corre riscos diretos, mas a forma de viver do sujeito, pode ser consideravelmente comprometida. Como exposto no capítulo anterior. O que em alguns casos, não deixa de ser uma espécie de violência simbólica. Portanto, se faz necessário o esclarecimento do *Dicionário de Política*, acerca do uso desses termos

É indubitável que este emprego de Violência pode achar justificativa na ampla área de significados que é própria da palavra na linguagem comum, pois os poderes de coerção e de manipulação são todas as relações nas quais quem exerce o poder obriga o outro, abertamente ou de maneira velada, a manter uma conduta desagradável e por isso de qualquer modo faz Violência à sua vontade. De outra parte, o uso indiscriminado do termo Violência, designando todas estas relações de poder, além das intervenções físicas, produz o grave dano de colocar, na mesma categoria, relações que são muito diversas entre si pelos caracteres estruturais, pelas funções e pelos efeitos, conseqüentemente provocando mais confusão do que clareza. Assim sendo, é mais oportuno designar essas relações de poder com os termos mais corretos de "coerção" e "manipulação", que têm melhores condições para expressar também aquele elemento de opressão que se desejaria evidenciar usando a palavra Violência, reservando para a palavra Violência a definição restrita e técnica que apresentamos acima e que prevalece na literatura política e sociológica<sup>125</sup>.

Nesse contexto, faremos uma investigação para verificar se o exercício de poder, vigente nessas relações, se deram de forma dissociável da violência. Se violência e poder, são polos opostos, quando é necessário a aplicação de atos violentos, é porque o poder está cessando. Então, é interessante observar, se a violência esteve presente, nas relações de poder, constituídas no entorno dos movimentos políticos/partidários, em Alagoinha do Piauí, para entendermos o que prevalece e como se desenvolvem. Afinal, para Hannah Arendt

(...) politicamente falando, é insuficiente dizer que poder e violência não são o mesmo. Poder e violência são opostos; onde um domina absolutamente, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder está em risco, mas, deixada a seu próprio curso, conduz à desaparecimento do poder. Isso implica ser incorreto pensar o oposto da violência como a não violência; falar de um poder não violento é de fato redundante. A violência pode destruir o poder; ela é absolutamente incapaz de cria-lo<sup>126</sup>.

<sup>124</sup> BOBBIO, 1998, p. 1292.

<sup>125</sup> Ibidem, p. 1292.

<sup>126</sup> ARENDT, 2016, p. 73-74.

Nesse contexto, iniciaremos o próximo tópico analisando as estratégias utilizadas, pelos grupos políticos que disputaram a eleição de 2008, em Alagoinha do Piauí. Como já vimos nos capítulos anteriores, de um lado estava o partido representado pela sigla PSD, tendo à frente o candidato a prefeito, Pedro Otacílio e, do outro, Clodoaldo Rocha, do PT. De antemão, vale ressaltar, que o primeiro grupo se encontrava no cargo, sendo o segundo, a oposição, que mais uma vez tentava perfurar o concreto e adentrar ao “castelo”.

Como os capítulos anteriores já mostraram, a campanha eleitoral é de grande relevância, tanto para manter o “reino” seguro, como para penetrar através da “muralha”. Vai depender do tipo de estratégia utilizada e das relações estabelecidas. Portanto, nos deparamos com os termos, poder simbólico e violência simbólica. Poder simbólico, que é aquele exercido de forma inconsciente, que mesmo sem saber os sujeitos exercem e sofrem a ação desse poder, de forma que permitem que o outro influencie seus atos, sem perceber que está sendo influenciado. Para Pierre Bourdieu “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”<sup>127</sup>. Violência simbólica, é aquela violência que se apresenta no plano das mentalidades, em que o sujeito é coibido de forma inconsciente através de tratados, vistos como ações naturais da convivência em sociedade. No caso das eleições, poderíamos citar como exemplo desses tratados, as trocas de favores. Como ressaltado por *Bourdieu*, essa violência trata-se “do poder de impor e mesmo de inculcar instrumentos de conhecimento e de expressão arbitrários embora ignorados como tais da realidade social”<sup>128</sup>.

#### **4.1 “Relações de poder”: estratégias utilizadas pelos candidatos para chegar ao poder e nele se manter.**

Antes mesmo do início da campanha eleitoral, o grupo situacionista, já pode ter uma vantagem sobre a oposição, tanto no que compreende a manutenção dos votos das pessoas que dependem daquela gestão, para manter seus cargos, quanto por ter acesso a um capital financeiro, para manusear.

No caso em estudo, tratava-se da disputa entre duas figuras imponentes. Como iremos ver, a representatividade dos sujeitos, podem suplantar a importância da sigla partidária. Mas, ao mesmo tempo, os que estão fora do poder, com a pretensão de entrar, podem ter a prerrogativa de poderem oferecer ao eleitorado, aquilo que foi prometido, e não foi cumprido

---

<sup>127</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomas (português de Portugal) – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.7-8.

<sup>128</sup> *Ibidem*, p. 12

pela atual gestão. Sabe aquele emprego, o favor que não foi efetivado. Dois dos nossos entrevistados, dizem ter mudado de lado político partidário, por ter deixado de ser vantajoso para eles e suas famílias, continuar votando no partido. Mas como essa mudança ocorreu fora do nosso recorte temporal não iremos aprofundar, utilizaremos apenas como exemplo do que poderia ter acontecido com outros eleitores.

Após esse introdutório, adentraremos as fontes, para dar início a análise das relações de poder que compreende o objeto desse estudo. Tem início a campanha eleitoral de ambos os lados na disputa, envolvendo não só as mais de 6.000 pessoas aptas a votar, como também grande parte da população restante. As estratégias dos candidatos começaram a ganhar forma, os eventos propagandistas, as alianças, as barganhas e a percepção acerca da vantagem que o outro grupo, poderia ter. Em contrapartida, o eleitorado também se articulava para conseguir através dessas relações, adquirir benefícios.

O poder de domínio e controle, do qual muito se fala como sendo exercido pelo Estado/governantes, também pode ser praticado por eleitores e afins. Afinal é necessário que haja o apoio da população para a ascensão do candidato ao poder, assim como afirma Hannah Arendt em *Sobre a Violência*.

É o apoio do povo que confere poder às instituições de um país, e esse apoio não é mais do que a continuação do consentimento que trouxe as leis à existência. Sob condições de um governo representativo, supõe-se que o povo domina aqueles que o governam. Todas as instituições políticas são manifestações e materializações do poder; elas se petrificam e decaem tão logo o poder vivo do povo deixa de sustentá-las<sup>129</sup>.

O primeiro ponto de exercício de poder, da população de Alagoinha do Piauí, que podemos analisar é referente ao hábito de frequentar ambientes, em que são realizados eventos em prol da campanha eleitoral. Práticas que foram analisadas no primeiro capítulo. Como foi exposto vários motivos levam a população até as passeatas, carreatas, comícios e encontros partidárias.

É sabido, que o número de pessoas que frequentam esses eventos e a assiduidade é bastante relevante para a corrida eleitoral. Nesse contexto, podemos cogitar, do ponto de vista simbólico, que a população exerce poder sob os candidatos ao mesmo tempo que eles agem sobre a população. Convencer as pessoas de serem assíduas nos movimentos de campanha é uma maneira de exercício de poder, mesmo que muitas vezes essas ações sejam imbuídas por barganhas. E participar constantemente dessas agitações, possibilita, como constatado, o agrupamento de um público considerável. Isso permite que o partido que conseguir reunir um

---

<sup>129</sup> ARENDT, 2016, p. 57.



aglomerado maior de pessoas, tenha uma vantagem, mesmo que simbólica, sobre o outro. Segundo o não eleitor “José”,

O que mostrasse ter mais gente era o que talvez ia ganhar. Trazia até pessoas de fora. Aí não! É de meu partido eu tenho que ir, não posso perder uma oportunidade dessa. Davam até as gasolinas, pro povo ir. Ainda hoje. (...) Não! Tipo, em Alagoinha uma das disputas maior é quem vai botar tal evento primeiro. Por exemplo, eu vou botar sábado, o outro botava no domingo e se o de sábado tivesse muita gente o de domingo tinha que procurar meios de ter mais gente do que o outro<sup>130</sup>.

Essa disputa, também pode ser vista como uma manifestação de poder, o grupo que conseguisse juntar mais gente, demonstraria uma conquista superior, em relação ao outro. Não necessariamente em termos de ter mais votos, mas, o poder em deslocar as pessoas de suas residências até os locais, que eram realizados as festividades. Tanto que estabeleciam alianças com lideranças de outros municípios, para a condução do maior número, possível, de pessoas. Isso causa a impressão de fortalecimento do grupo, e faz com que os adversários temam pela derrota. Além de impulsionar os indecisos a escolherem votar, em quem aparentemente, está mais forte. Afinal, ninguém quer escolher o lado que sairá derrotado. O entrevistado “José”, transparece, na fala anterior, que a população dava credibilidade ao número de pessoas presentes nos comícios, tanto que, acreditam na vitória levando em consideração o comparativo de quantidade.

Ao se referir ao último comício da campanha do candidato a prefeito, Pedro Otacílio, na eleição de 2008, evento já mencionado nos capítulos anteriores, o não eleitor “José”, apresenta mais um elemento que podemos explorar, frente as relações de poder. Não somente o eleitorado, pode ser atingido pela estratégia de gerar o maior acúmulo de pessoas, nos eventos políticos, como citado no parágrafo anterior, mas atinge também, o partido opositor. Ao ponto de gerar reações, que possibilitem a “virada de mesa”. Devido ao volume de pessoas reunidas,

[...] já disseram que começaram a chorar e disseram que já estavam perdidos. Os boatos de pessoas adversárias que depois que passou a eleição, ficaram contando. Eu ouvi até muitas pessoas falando, que disseram que tinha perdido, aí falaram que o vice do outro partido disse que tinha dado até dor de barriga, quando viu o tanto de gente e tudo mais<sup>131</sup>.

Contudo, apesar de deixarem a oposição “assombrada”, como expressado por “Raimundo”. Esse acontecimento também pode ter incentivado o grupo de Clodoaldo Rocha, a buscar por estratégias, para reverter a situação. Tanto que, existem relatos de um assalto cometido contra o candidato a vice prefeito da coligação de Pedro Otacílio, no momento do

---

<sup>130</sup> José, 2021.

<sup>131</sup> José, 2021.

comício, para que ele fosse encerrado e os presentes se dirigissem até suas casas, na qual eles teriam a oportunidade de negociar votos, na tentativa de dar um passo à frente, na corrida eleitoral. Não conseguimos comprovar, se de fato houve esse assalto. Muito menos poderíamos afirmar que existe algum tipo de ligação, com a disputa política. Mas é sugerido através do que é explanado pelo não eleitor “José”, no fragmento a seguir, que podemos avaliar esse ocorrido, como mais um vestígio de relações entre poderes.

Aí o que acontece, durante esse comício foi onde houve, o que falaram, né. Que eu era muito pequeno, mas contaram essa história, teve o sequestro... era sequestro ou foi assalto do vice. Do vice de doutor Pedro que era Adilson, lá da serra velha. Adilson da castanha. Houve o sequestro dele ou foi assalto lá na castanha, e tudo mais, nesse mesmo momento o comício... tanto é, que o comício acabou e todo mundo foi correndo para suas casas, com medo. O que muitos falavam, que isso foi o ponto estratégico que o partido adversário tinha arrumado pra poder ter a possibilidade de comprar voto, já que as pessoas estava tudo no comício, eles não iam ter essa possibilidade. Acontecendo isso, foi quando as pessoas foram pra casa e aí foi quando começaram a comprar os votos, tanto é que eles conseguiram virar essa política, se eu não me engano foi em um dia<sup>132</sup>.

Em relação a essa ação, de compra de votos, já vimos no capítulo anterior, que se levarmos em consideração o número de abstenções, na referida eleição de 2008 e a cassação do mandato de Clodoaldo de Moura Rocha, poderíamos supor que essa estratégia de fato foi utilizada. Mas obviamente que também devemos perceber através da subjetividade do entrevistado, que poderia ter encontrado a desculpa perfeita, para a derrota de seu partido. O que é improvável de ser negado é a forma como as festividades de campanha, são utilizadas, como forma de exercício de poder, mesmo que se trate de um poder simbólico. Tanto de um partido para com o outro, e em relação ao eleitor, quanto do eleitorado sobre os grupos políticos, através da negociação de votos e participação na campanha.

Partindo desse pressuposto, analisaremos uma imagem referente ao comício realizado no dia 05 de setembro, 2008. Segundo registrado no arquivo pessoal do jornalista Jonas Agenor da Rocha, do candidato a prefeito Clodoaldo de Moura Rocha (PT). Cujo objetivo é perceber relações de poder, existente entre a população do município e as lideranças políticas, entre os partidos na disputa. E até em relação aos integrantes do próprio partido. Através do apoio de políticos que ocupam uma posição superior na escala hierárquica, do Poder Executivo.

---

<sup>132</sup> José, 2021.



Figura 5: Comício de campanha do candidato a prefeito, Clodoaldo de Moura e vice, Francisco João de Carvalho, Alagoinha do Piauí PI, em 2008. Na margem esquerda está o candidato a prefeito Clodoaldo de Moura Rocha, no centro o governador Wellington Dias e a direita o candidato a vice-prefeito Francisco João de Carvalho. Fonte: Arquivo pessoal do Jornalista Jonas Agenor da Rocha, natural da cidade de Alagoinha do Piauí.

Visualiza-se, na imagem acima (figura 05), na margem esquerda, o candidato a prefeito Clodoaldo de Moura Rocha, no centro o governador Wellington Dias e a direita o candidato a vice-prefeito Francisco João de Carvalho. Ao observarmos, percebemos em destaque os três sujeitos já citados anteriormente, posicionadas em um local elevado, aparentando ser um Palanque<sup>133</sup>. Ao fundo é nítido a empolgação dos presentes, bandeiras e mãos içadas, vestimentas na cor vermelha aclamando a sigla dos referidos líderes políticos.

Para tornar o momento mais sublime está presente o governador do estado do Piauí, Wellington Dias, que tem seus braços levantados pelos candidatos a prefeito e vice. Essa cena pode demonstrar a representatividade do governador, para com as pessoas de Alagoinha do Piauí. Traz consigo um leque de possibilidades, para pensarmos as relações ali estabelecidas.

O apoio da liderança maior do estado, pode configurar para esses candidatos locais, uma estabilidade nas suas promessas de campanha, afinal é possível que, quando em posse da prefeitura, com o ajuda do governo estadual, haja uma maior facilidade em angariar recursos para o município.

Em contrapartida, existe também o interesse de Wellington Dias, em eleger para prefeito o candidato Clodoaldo de Moura Rocha, por ser do mesmo partido político (PT). Isso porque, segundo Maria Teresa Miceli Kerbauy em muitos casos, em se tratando principalmente dos

<sup>133</sup> Lugar destacado e reservado, geralmente um pouco acima do nível dos demais espectadores, de onde um ou mais palestrantes se apresentam.

municípios “a vitória dos candidatos dar-se-ia muito mais em função da força ou fraqueza dos candidatos do que da influência dos partidos”<sup>134</sup>. Sendo assim, é bastante significativo que governadores do estado, consigam lançar candidatos para prefeituras, e mais ainda, levá-los à ocupação do cargo, porque com isso a base partidária, acaba sendo fortalecida.

Começa a tecer em entrelinhas uma rede de poder simbólica que desencadeia os campos, do público ao privado. Este simbolismo da qual vos falo, pode ser compreendido através dos escritos de Pierre Bourdieu, em *O poder simbólico*. De forma silenciosa e invisível exercemos e somos sujeitos ao poder, não é diferente no político e não menos ainda no decorrer das eleições, em que estão presentes uma série de símbolos que permitem a comunicação entre os grupos, tornando sujeitos vistos como “dominados” em “dominantes” e “dominantes” em “dominados”, sem que eles assumam serem agentes desse processo. O simbolismo representado pela presença do governador, promove uma integração entre o grupo político partidário e os eleitores, com um movimento de poder simbólico, envolvendo esses grupos. Para Bourdieu,

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social (...) <sup>135</sup>

Os eleitores podem aumentar a confiabilidade nesses políticos por conta do sufrágio do governador. O entusiasmo que deixaram transparecer nas lentes das câmeras, demonstra a fervorosa alegria em estarem prestigiando e aclamando aqueles líderes. Mas é somente isso que revela a imagem? Ao observá-la, vemos em um primeiro momento, o que está explícito, candidatos demonstrando simpatia e, uma multidão ávida observando o discurso dos mesmos, e em certos momentos aclamando o que é dito.

Cada expressão produz significados. São muitas as vertentes que podem ser analisadas, mas em sua maioria, está presente a relação estabelecida entre poderes. Mesmo que, como explanado, a presença do governador tenha sido utilizada com o fim de conquistar um número mais relevante de votos, por outro lado o eleitorado poderá se beneficiar dessa aliança partidária. Tanto para fins financeiros, no que tende as negociações relativo à compra de votos, quanto com recursos para o serviço público, beneficiando o coletivo. Mesmo que esse coletivo seja o eleitorado que acompanhe o partido.

O apoio do governador, nesse caso, pode de fato ter influenciado no resultado das eleições. Já que Clodoaldo Rocha (PT), venceu as eleições. Mas do ponto de vista do não eleitor

---

<sup>134</sup> KERBAUY, Maria Teresa Miceli. *As eleições municipais de 2008: federações partidárias ou partidos nacionais* Perspectivas, São Paulo, v. 35, p. 15-33, jan./jun. 2009, p. 21.

<sup>135</sup> BOURDIEU, 1989, p. 10.

“José”, esse não foi um fator relevante, porque os eleitores nem davam importância a presença do governador.

Nem tanto, porque normalmente as pessoas nem iam nesses eventos. Porque normalmente esses governadores, e tudo mais, eles vinham em dias diferentes, não era somente nesses dias de comícios e tudo mais. Por exemplo, quarta-feira eles vão vim, aí chamavam as pessoas, mas normalmente as pessoas não iam<sup>136</sup>.

Portanto, poderíamos citar também, perante a análise de fontes orais, algumas contribuições do grupo de Pedro Otacílio, para além da justificativa de estarem no poder, e o fator do mesmo ser um médico influente. Porque isso o Clodoaldo Rocha também é, e ainda tem a vantagem de ter ao seu lado o governador do estado do Piauí. Ele tinha ao seu lado, uma das principais lideranças políticas do município, apontadas por “José”. Liderança que por diversas vezes foi eleito, ocupando quase sempre o primeiro lugar, na bancada da Câmara dos Vereadores, e naquele ano apoiava a candidatura de vereadora da sua esposa, *Lurdinha*. Se trata de Luís Alves Gonzaga, popularmente conhecido como Luizão. Na qual, segundo “José”, o lado que ele está, sempre vence a eleição. “Um que tem como importante para o município, que eu saiba, que normalmente dizem que o lado que ele tá não perde é somente Luizão<sup>137</sup>”. Considerado bastante influente e inteligente, pelo entrevistado. “As pessoas tem uma confiança muito grande em Luizão<sup>138</sup>”. Porém, para “José” essa confiança não parte do pressuposto que ele é um bom político, que ajuda a população e traz melhorias para o município. Quando perguntado se era sobre isso, ele respondeu em meio a risadas irônicas, “normalmente eu não vejo muita representatividade, porque normalmente eu vejo mais ele em período eleitoral”<sup>139</sup>. Isso não ocorre pelo fato de ser adversário político, porque pelo que consta ele estava do mesmo lado, apoiado pela família de “José”, que ainda votavam na candidata a vereadora, apoiada por ele.

Entretanto, o lado de Clodoaldo também tinha lideranças importantes, pelo menos ao ver, do entrevistado “Antônio”, eleitor do partido. “Nessa época de Clodoaldo tinha muito. Jorismar mermo era duns que o povo gostava. Tinha Nini que era uma pessoa... que hoje não tá mais no padrão da política, mas era um cara que o povo gostava”<sup>140</sup>. Cada eleitor exalta as lideranças, que estavam do lado do grupo político que defendiam.

---

<sup>136</sup> José, 2021.

<sup>137</sup> José, 2021.

<sup>138</sup> José, 2021.

<sup>139</sup> José, 2021.

<sup>140</sup> Antônio, 2021.

Qual lado tinha mais poder? Se é que um tinha mais que o outro. Se foi devido compras de votos ou não, o fato é que Clodoaldo Rocha, venceu a eleição de 2008. Mesmo que desde o início da sua gestão, tenha iniciado o processo de cassação. E após a decisão, tenha sido realizado, em 2011, uma eleição suplementar, que deu a vitória a Pedro Otacílio. O que fez cada um deles vencer foram os votos depositados pelo eleitorado.

Mesmo depois de ter ganho as eleições de 2008, Clodoaldo de Moura Rocha teve dificuldade para exercer o poder que lhes foi atribuído, pois através de um requerimento feito pelo então derrotado Pedro Otacílio, deu início a um processo que se estendeu no decorrer do seu mandato, até a cassação. Devido o foco em sua defesa, Clodoaldo Rocha não atuou com eficácia, ou talvez essa tenha sido somente uma desculpa para o descaso com o município. O fato é que o entrevistado “Antônio”, afirma que ele não conseguiu trabalhar, por estar sendo perseguido, por seus adversários, tendo que gastar o dinheiro que deveria ser investido no município, para se livrar da justiça. Justificativa bastante descabida, já que ele deveria utilizar de recursos particulares e não da prefeitura. Para “Antônio” não importava se era errado utilizar dinheiro público para defesa pessoal.

Mas isso ninguém vai perguntar se é da prefeitura ou é do caba (sic), de quem é que seja. Que lá todo mundo quer ficar lá, ninguém quer sair. Aí onde tá o problema. A gente tem que usar a arma que tem. Se eu tô (sic) aqui em casa eu tenho que usar minhas armas, se chegar um caba (sic) batendo na porta eu vou ter que usar minhas forças é igualmente a ele. Ele vai ter que usar as forças que ele tem e a força dele que ele tinha, era na política<sup>141</sup>.

Não é possível ter a certeza que foram utilizados recursos públicos para a defesa pessoal, do Prefeito Clodoaldo Rocha, o que é sabido é que sua gestão foi desestruturada. Segundo depoimento do não eleitor “José”, não foram realizados grandes feitos e, no final, seu mandato acabou sendo cassado.

Sim, porque de certa forma foi uma das piores gestões que ocorreu em Alagoinha foi nessa época de doutor Clodoaldo. A única benfeitoria que ele fez, foi uma passagem molhada. Porque desde o início já começaram o processo de cassação, aí ele, pelo que falavam, ele começou a gastar muito pra não deixar ser tirado<sup>142</sup>.

Esses gastos excessivos, fizeram inclusive, com que o grupo político que ele apoiou, nas eleições suplementares de 2011, viessem a perder. Como vimos, o grupo do candidato Pedro Otacílio utilizou de estratégias, não somente para destituir o seu adversário do cargo, como para se fortalecer e vir a ganhar as eleições suplementares de 2011. “Antônio” acredita que o que motivou a vitória de Pedro Otacílio, em 2011, foi a questão financeira. Por Clodoaldo Rocha

---

<sup>141</sup> Antônio, 2021

<sup>142</sup> José, 2021

não ter exercido uma boa gestão, o eleitorado acabou rejeitando o grupo que ele apoiava. E para “Antônio”, a má gestão foi reflexo do dinheiro que Clodoaldo teve de gastar, em sua defesa.

Eles ganharam, porque eles tava (sic) numa posição melhor de ganhar, tava (sic) tendo dinheiro mais do que o partido de Clodoaldo, que Clodoaldo tinha sido cassado o mandato, tinha gastado muito com advogado. Gastou muito na justiça e aí foi desgastando aquele dinheiro, que ele ia gastar na campanha. Aí acabou o dinheiro e as coisa sempre toda vida vai ficando mais difícil, quem tá no poder fica sempre difícil as coisa (sic). Porque o povo o fica rejeitando uma coisa e outra, e aí fica difícil. Eles ficaram com ele na justiça, os três ano que ele passou, aí como é, que ele ia conseguir fazer nada. É igualmente se eu tô (sic) aqui em casa, aí eu tenho um dinheiro eu adoço, eu vou gastar aquele dinheiro com minha doença pra eu ficar bom, igualmente ele. Ele tava (sic) tentando ficar na campanha, porque não queria perder, não queria sair, aí se desgastou<sup>143</sup>.

Portanto, é notório que Pedro Otacílio e seu grupo político utilizaram de artifícios para destituir Clodoaldo Moura, do cargo de prefeito, e enfraquecer o grupo político na qual ele era pertencente, com o objetivo principal de ser eleito prefeito de Alagoinha do Piauí. Mas é inegável que o eleitorado, ao participar e negociar apoio a determinado candidato, mesmo por razões ligadas a busca de benefício próprio, através da venda do voto, troca de favores ou cargos. Tem uma atuação significativa na política, através do voto e das eleições. Participação essa que é de grande relevância para os regimes democráticos. “O ato de votar não é só o mais importante, mas o único que, de fato, envolve uma participação com algum significado”<sup>144</sup>. A partir do seu lugar de poder, os eleitores passam a estabelecer relações que os tornam ativos na política.

## 4.2 A violência e suas faces

As relações de poder, são estabelecidas de uma forma bastante nítida no decorrer dos períodos eleitorais, e até mesmo antes e depois desses processos, durante as gestões dos candidatos eleitos. Mas será que em meio a essa busca incessante pelo domínio do poder, tem espaço para a violência? Do ponto de vista simbólico, pelo que foi explanado no capítulo anterior, poderíamos dizer que provavelmente sim. Já que supostamente são negados direitos básicos, as pessoas que não votaram em determinado partido eleito. Mas em relação a violência propriamente dita e as ameaças de violência, será que existia lugar para tais atos?

Durante a campanha das eleições de 2008, por ser muito acirrada, supostamente ocorriam episódios, em que cabos eleitorais circulavam nas localidades rurais para impedir que o grupo adversário comprasse votos. Isso geralmente acontecia durante a noite, momento

<sup>143</sup> Antônio, 2021

<sup>144</sup>MOISÉS, José Álvaro. Eleições participação e cultura política: mudanças e continuidades. São Paulo: *Lua nova*, nº 22, p. 134-187, dec. 1990, p. 96.

propício para barganhar votos. “Antônio” narra esses episódios, que segundo ele, foram vivenciados pelo próprio. “Lembro que nós andávamos de noite aí, com a cara para riba”<sup>145</sup>. Ele afirma que não era comprando votos, mas tentando impedir os outros de comprarem.

Atrás de compra... de comprar voto, não. Estava andando era vigiando para eles não comprar os votos, que o partido tinha. Não era comprando, nós não tínhamos dinheiro. Nós éramos só os cabos eleitorais, cuidando dos nossos votos, para os outros não comprar. Aí nós andávamos nas casas do povo, vigiando a noite todinha, não dormia de noite só vigiando. Eles querendo comprar os votos e nós atrás para eles não comprar<sup>146</sup>.

Mencionamos essas peripécias, acerca das práticas que supostamente eram realizadas, com o objetivo de impedir que o outro lado na disputa, comprassem os votos dos eleitores que já haviam firmado compromisso. Para chegarmos até o ponto em que almejamos. Ao ser questionado se ele recebia alguma recompensa para vigiar os outros, ele respondeu: “na época... antes de ganhar, não, eu estava cassando mesmo era só meio de levar uma pisa. Porque andando atrás dos outros, não era só cassando meio, de levar uma pisa [surra]”<sup>147</sup>? Nesse fragmento, existem indícios de que essas noites poderiam ser perigosas. Ele acreditava no risco de sofrer violência, por parte das pessoas que estava seguindo. Tendo em vista esses aspectos, poderíamos supor que atos de violência eram praticados, durante a campanha. Isso porque aparentemente para vencer a eleição, várias condutas irregulares eram válidas.

Pela análise das fontes orais, foi notório um certo receio em falar sobre a tentativa de alguns políticos, de forçarem eleitores a votarem por meio da violência. A entrevistada “Luiza”, quando perguntada sobre ameaças, ficou bastante nervosa e disse não lembrar, sobre o assunto. Assim como fez em relação a compra de votos. Isso implica um certo medo, e só apresenta mais evidências sobre a presença de conduta violenta, no período eleitoral.

Caso houvesse essas condutas violentas, poderíamos supor que fossem utilizadas para tentar forçar os eleitores a votarem em determinados candidatos. O não eleitor “José”, diz que não ouviu falar de voto forçado, que tinha um certo líder político que “tocava o terror”, utilizando de suas próprias palavras. Tocar o terror no sentido de utilizar de ameaças para intimidar tanto o eleitorado, como os adversários políticos. Segundo o não eleitor “José”, aquele que usualmente aterrorizava o município, ainda narrava esses episódios nos discursos, durante os comícios, sendo ovacionado pelo público presente.

O que aconteceu em 2008 foi que os dois partidos eles se toparam, acho que se eu não me engano faltava uns cinco dias para as eleições. Aí eles se toparam, né. Até apresentaram arma de fogo, querendo atirar um no outro,

---

<sup>145</sup> Antônio, 2021.

<sup>146</sup> Antônio, 2021.

<sup>147</sup> Antônio, 2021.



mas no caso não atirou. É... aí no outro dia subiu no palanque e contou esse episódio, o povo vibrava, por essa pessoa ter tido essa atitude. Por ter... porque tipo, ser violenta, valente o destemido, pra população é uma pessoa segura, bem vista. Ah, vibrava, dizia: ah taquei um murro em tal pessoa. As pessoas lá vibrando, batendo palma. Como se fosse algo bom<sup>148</sup>.

Cabe ressaltar se essas pessoas realmente são apoiadores da violência, se glorificam esses líderes, por considerarem pessoas poderosas, e por isso acabam os apoiando, ou se vibram ao ouvirem os seus feitos, por medo. Tendo em vista o que foi exposto neste trabalho, pelo menos uma parcela da população, apoia determinados candidatos, não por receio a agressões físicas, mas por enxergarem certas vantagens. Afinal como mencionado por “Antônio”, não dá para forçar a pessoa a votar em quem ela não queira, porque no dia da eleição vai ser somente ela e a urna.

---

<sup>148</sup> José, 2021.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, ao longo deste estudo, entender como a população da cidade piauiense de Alagoinha do Piauí enxergava o voto e as eleições, analisando a maneira encontrada por elas, para participarem da política, na tentativa de compreender o que leva os eleitores a seguirem determinados candidatos e grupos políticos. Para isso, foram averiguados alguns eventos políticos, práticas sociais e políticas, cometidas pelos habitantes do município, no decorrer do processo eleitoral e as relações de poder estabelecidas entre políticos e o eleitorado, e dos candidatos entre si.

Tendo em vista o passeio que foi realizado neste estudo, no entorno das eleições municipais de 2008 e 2011, dando a devida importância aos entrevistados “Antônio”, “José”, “Luiza”, “Joaquim” e “Raimundo”, que contribuíram para a execução deste trabalho. Consideramos que o estudo das eleições é de grande relevância, para entendermos como as pessoas de um município de pequeno porte, se relacionam entre si e com a política, percebendo suas práticas sociais e políticas e as relações de poder, estabelecidas entre eles.

Através da análise das eleições, foi perceptível de observar que a população de Alagoinha do Piauí, tem o hábito de frequentar os eventos de campanha, estando presente diversas faixas etárias. Sendo notório que não somente o eleitorado se envolve nessas festividades. Foram analisadas as motivações que levavam as pessoas a se deslocarem até os locais dos eventos com bastante entusiasmo, vestindo a cor dos partidos que acompanham. Podendo estar ligada tanto à tradição familiar, à busca por diversão, ou até mesmo, em conseguir vantagens individuais, como recursos financeiros.

Devido a agitação das campanhas eleitorais, notamos que o espaço urbano sofre modificações, as ruas ganham novas funções, os sons e os odores são alterados, devido a quantidade maior de pessoas circulando pela urbe e a eventos realizados, como, comícios carreatas e passeatas. No espaço rural, também aumenta a movimentação por conta da circulação de candidatos e apoiadores, em busca de angariar votos e os eventos que também são realizados nas localidades rurais.

No que compreende a relação que o eleitorado possui com o voto, mesmo que aparentemente não seja dada muita importância, ao ponto de descreverem as eleições, mais como festividades, são elaboradas táticas para negociar o voto e receber vantagens em troca do ato de votar. Em alguns casos essas táticas podem ser constituídas de forma inconsciente, já que é naturalizada a prática de barganhar votos, nesse município. Pelo que foi analisado, faz parte da construção da cultura política da cidade, utilizar o voto como forma de obter ganhos

individuais. É notório que o voto é o principal elemento que faz o eleitorado ter o protagonismo político. Afinal, os candidatos só serão eleitos se obtiverem os votos dos eleitores.

Dessa forma, são estabelecidas relações entre poderes. Os políticos exercem poder sobre a população, devido os cargos que ocupam, e para com eleitores que possuem baixa condição financeira, por conta dos recursos que possuem. Porém, o eleitorado tem em mãos, o poder de eleger, ou não, determinados candidatos. No caso em estudo, pode ser que os eleitores não percebam o quão são poderosos, mas em alguns casos negociam o seu voto, com o propósito de obterem vantagens, para si.

Diante disso, percebemos que perante as relações políticas estabelecidas, na eleição de 2008, o candidato que obteve vantagem na negociação com os eleitores, foi Clodoaldo de Moura Rocha, por ter vencido a eleição. Mas após a vitória teve de medir poder com o grupo derrotado, já que o candidato não eleito, Pedro Otacílio, requiriu um pedido de cassação do mandato de Clodoaldo Rocha, por denúncia de compra de votos, o que acabou resultando na cassação de seus direitos políticos. Essa batalha judicial, gerou um desgaste na gestão de Clodoaldo Rocha, ao ponto, do grupo que ele apoiou nas eleições suplementares de 2011, ter sido derrotado. Portanto, ao se eleger em 2011, Pedro Otacílio conseguiu virar o jogo e foi de derrotado a vitorioso.

Dessa maneira, ver-se que mesmo que haja indícios de violência, no decorrer das eleições municipais de Alagoinha do Piauí, foram as estratégias utilizadas pelos candidatos, e as táticas do eleitorado, que mais influenciou no resultado das eleições. Ou seja, são estabelecidas relações de poder, que tornam o eleitorado protagonista político, e não sujeitos submissos a lideranças políticas. Um ou outro eleitor pode ser refém do medo, e, portanto, pode votar por receio de represália, mas o que define as eleições são as relações tecidas entre poderes e as negociações sem o uso da violência física. Com isso é perceptível que os alagoinhenses, estão mais para “bilontras”, utilizando as tentativas de dominação dos políticos, em benefício próprio.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 175
- ANTÔNIO. **Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra**. Alagoinha do Piauí-PI. 30, abr. 2021.
- ARENDDT, Hanna. *Sobre a violência*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- ARENDDT, Hannah. *O que é política?* Organização Ursula Ludz Prefácio Kurt. Tradução Reinaldo Guarany. 3ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: *Para uma história cultural*. Direção de Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinele. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 354.
- BOSI, Eclêa. A pesquisa em memória social. In: *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia* – 1ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomas (português de Portugal) – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. Constituição (1965). Código Eleitoral nº 4.737, de 15 de julho de 1965. Este código contém normas destinadas a assegurar a organização e o exercício de direitos políticos precipuamente os de votar e ser votado. *Código Eleitoral: Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965*. Brasília, DF, 15 jul. 1965. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/codigo-eleitoral/codigo-eleitoral-1/codigo-eleitoral-lei-nb0-4.737-de-15-de-julho-de-1965>. Acesso em: 30 maio 2021.
- BRASIL. Constituição (1999). Lei nº 9.840, de 28 de setembro de 1999. Altera Dispositivos Da Lei Nº 9.504, de 30 de setembro 1997, e da Lei Nº 4.737, de 15 de junho de 1965 - Código Eleitoral. Presidência da República Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF, 28 set. 1999. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19840.htm#:~:text=LEI%20No%209.840%2C%20DE%2028%20DE%20SETEMBRO%20DE%201999](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19840.htm#:~:text=LEI%20No%209.840%2C%20DE%2028%20DE%20SETEMBRO%20DE%201999) . Acesso em: 30 maio 2021.
- BRASIL. Tribunal Regional Eleitoral do Estado do Piauí. Ação Cautelar - Eleições 2008 - Prefeito e Vice-Prefeito - Aime - Captação Ilícita de Sufrágio - Procedência - Cassação de Mandato Eletivo - Afastamento Imediato - Interposição de Recurso - Pedido de Liminar - Para Conferir Efeito Suspensivo A Recurso nº 5227419. Requerido: Pedro Otacílio de Sousa Moura Requerente: Clodoaldo de Moura Rocha, Prefeito do município de Alagoinha/PI. Relator: Dr. Marcelo Carvalho Cavalcante de Oliveira. Pio IX, PI, 24 de maio de 2010. Ação Cautelar. Piauí: Diário de Justiça Eletrônico do Tre/P, 27 maio 2010. v. 4, n. 096, p. 1-10.
- BRASÍLIA. TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. *Estatísticas TCE: eleições 2008*. Eleições 2008. 2008. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwtse/f?p=150:5:::NO:RP::> . Acesso em: 01 jun. 2021.
- BRASÍLIA. TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. *Eleitorado atual*. Disponível em: <https://www.tre-pi.jus.br/eleitor/estatisticas/eleitorado-por-municipio>. Acesso em: 24 de jun. 2021.

CARLOS, Ana Fani. A rua: espacialidade, cotidiano e poder. In: *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.

CARREATA de campanha do candidato Clodoaldo de Moura Rocha, realizada na cidade de Alagoinha do Piauí PI, em 2008. Na margem esquerda observa-se um som automotivo, bastante utilizado nos eventos de campanha do município. Arquivo pessoal do jornalista Jonas Agenor da Rocha, 2008. Imagem JPEG, Tirada em 15/ 08/ 2008.

CARREATA realizada na cidade de Alagoinha do Piauí - PI, nas eleições municipais. Arquivo pessoal do jornalista Jonas Agenor da Rocha, 2008. Imagem JPEG, Tirada em 15/ 08/ 2008.

CARVALHO, José Murilo de. Bestializados ou bilontras? In: *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 19. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COMÍCIO de campanha das eleições municipais de Alagoinha do Piauí. Arquivo pessoal do jornalista Jonas Agenor da Rocha: [s. n.], 2008. vídeo (4 seg).

COMÍCIO de campanha dos candidatos a prefeito Clodoaldo de Moura e vice Francisco João de Carvalho, Alagoinha do Piauí PI, em 2008. Na margem esquerda está o candidato a prefeito Clodoaldo de Moura Rocha, no centro o governador Wellington Dias e a direita o candidato a vice-prefeito Francisco João de Carvalho. 2008. Arquivo pessoal do jornalista Jonas Agenor da Rocha. imagem JPEG, Tirada em 05/ 09/ 2008.

COSTA, João Bosco Araújo da. A Ressignificação do Local o imaginário político brasileiro pós-80. *São Paulo Em Perspectiva*. São Paulo: SEADE, jul./set., 1996, p. 114. Editora FGV, 2003.

ESTADO DO PIAUÍ. Lei nº 001, de 5 de abril de 1990. Lei orgânica do município. Lei Orgânica do município de Alagoinha do Piauí, Diário Oficial dos Municípios: MMMCCLIV, ano XV, p. 176-195, 17 jan. 2017. Disponível em: <http://alagoinha.pi.gov.br/> . Acesso em: 16 nov. 2019.

FÉLIX, Loiva Otero. A história Política Hoje: novas abordagens. Revista Catarinense de História, Associação Nacional de História (ANPUH-SC), ed. 5, p. 49-66, 1990. Disponível em: [http://www.anpuh-sc.org.br/revfront\\_5.htm](http://www.anpuh-sc.org.br/revfront_5.htm). Acesso em: 17 nov. 2019.

GOMES, Ângela de Castro. A invenção do trabalhismo. – 3. Edição. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2005, pag. 228.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/alagoinha-do-piaui/panorama>. Acesso em: 24 de jun. 2021.

JOAQUIM. **Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra**. Alagoinha do Piauí. 05, set. 2019.

JOSÉ. **Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra**. Alagoinha do Piauí-PI. 02, maio. 2021.

KERBAUY, Maria Teresa Miceli. *As eleições municipais de 2008: federações partidárias ou partidos nacionais*. Perspectivas, São Paulo, v. 35, p. 15-33, jan./jun. 2009.

LOZANO, Eduardo Aceves. Práticas e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

LUIZA. **Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra**. Alagoinha do Piauí-PI. 01, maio. 2021.

MOISÉS, José Álvaro. *Eleições participação e cultura política: mudanças e continuidades*. São Paulo: Lua nova, nº 22, p. 134-187, dec. 1990.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia*. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Culturas políticas na história: novos estudos*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 13-38.

OLIVEIRA, Marylu Alves de. *DA TERRA AO CÉU: Culturas políticas e disputas entre o trabalhismo oficial e o trabalhismo cristão no Piauí (1945-1964)* Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza, 2016. 532 f, p. 20

PAULO, João. Pedro Otacílio e Lurdinha encerram a campanha com grande comício. **Riachaonet**, 05, nov. 2011. Disponível em: <https://www.riachaonet.com.br/portal/pedro-otacilio-e-lurdinha-encerram-a-campanha-com-grande-comicio/>. Acesso em: 02, jun. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, Cidades sensíveis, Cidades imaginárias*. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 53 de junho de 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212, p. 05.

RAIMUNDO. **Entrevista concedida a Ana Geórgia Bezerra**. Alagoinha do Piauí. 04 nov. 2019.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro:

ROCHA, Jonas. Comício do PT em Alagoinha reúne multidão. **Riachaonet**, Picos PI, 05, nov. de 2011. Disponível em: <https://www.riachaonet.com.br/portal/comicio-do-pt-em-alagoinha-reune-multidao/>. Acesso em: 02, jun. 2021.

ROLNIK, Raquel. "Civitas": a cidade política. In: *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203)



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA  
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

**Identificação do Tipo de Documento**

- ( ) Tese  
( ) Dissertação  
( X ) Monografia  
( ) Artigo

Eu, **ANA GEÓRGIA BEZERRA**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **POLÍTICA E RELAÇÕES DE PODER: PRÁTICAS SOCIAIS DURANTE AS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE ALAGOINHA DO PIAUÍ – PI, EM 2008-2011** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI, 12 de agosto de 2021.

Ana Geórgia Bezerra

Assinatura

---

Assinatura